

Naira de Brito Poloni

**NEOJIBÁ, os toques brasileiros na experiência musical e  
sociocultural venezuelana**

CELACC/ECA-USP  
2012

Naira de Brito Poloni

**NEOJIBÁ, os toques brasileiros na experiência musical e  
sociocultural venezuelana**

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, realizado sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Joana Rodrigues.

CELACC/ECA-USP  
2012

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais, Maria e Antonio, pelo grande incentivo aos meus estudos, hoje e sempre.

À minha orientadora, Joana Rodrigues.

A Ricardo Castro, Antonio Rubim e Elizabeth Ponte, que enriqueceram meu artigo.

Aos amigos e amigas que compreenderam minha ausência durante o processo de trabalho, principalmente Keila Lia.

Às amigas do curso de Gestão de Projetos Culturais, Ani Almeida, Renata Ribeiro e Juliana Torres, pois ao conhecê-las, conviver e trabalhar junto durante o curso, meu crescimento acadêmico foi extraordinário.

À Natalia Salvo e à amiga Érica Teixeira pela tradução.

# Sumário

Resumo, abstract e resumen	05
Introdução	06
1. NEOJIBÁ – versão brasileira do El Sistema	07
2. Hibridismo ou processos de hibridação?	12
3. Metodologia	16
4. Um novo olhar: maneiras de (re)descobrir a música de concerto	16
5. Considerações finais	20
6. Referências bibliográficas	22
Anexo A	24
Anexo B	36
Apêndice A	37
Apêndice B	43

## **NEOJIBÁ, os toques brasileiros na experiência musical e sociocultural venezuelana**

Naira de Brito Poloni<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo analisa como o NEOJIBÁ vem obtendo êxito na condição de um projeto sociocultural em vigor em um país em vias de desenvolvimento como é o Brasil, no sentido de transformar a realidade sociocultural de jovens por meio da música. Ao seguir os passos do modelo venezuelano El Sistema, o NEOJIBÁ se consagrou como um processo de hibridação, nas palavras do pensador Nestor Canclini, na medida em que consolidou “o diálogo entre estruturas distintas, obtendo fusões entre si e gerando novas estruturas”.

**Palavras-chave:** NEOJIBÁ, El Sistema, Educação musical, orquestra, hibridismo.

### **Abstract**

This article analyzes how the NEOJIBA has been having success as a social cultural project acting in a developing country such as Brazil is, in a way to transform the social cultural reality for young people through music. Following the steps of the Venezuelan model El Sistema, the NEOJIBA has been consecrated as a hybridization process, as the thinker Nestor Cancline has said, as the project has consolidated "the dialog between distinct structures, obtaining fusions among itself and building new structures".

**Key Words:** NEOJIBA, El Sistema, Musical education, orchestra, hybridization.

### **Resumen**

Este artículo analiza como el NEOJIBÁ ha obtenido éxito en la condición de un proyecto sociocultural en vigor, en un país en vías de desarrollo como es Brasil, en el sentido de transformar la realidad cultural de jóvenes por medio de la música. Al seguir los pasos del modelo venezolano El Sistema, el NEOJIBÁ se consagró como un proceso de hibridación, en las palabras del pensador Nestor Canclini, a medida que consolidó "el diálogo entre distintas estructuras, obteniendo fusiones entre si y generando nuevas estructuras".

**Palabras-clave:** NEOJIBÁ, El Sistema, Educación musical, orquesta, hibridismo.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Música – Habilitação em Instrumento (Piano) pela (UNESP) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2005.

Este artigo foi redigido como trabalho de conclusão do curso de pós-graduação lato sensu em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, organizado pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura, da ECA/USP, no ano de 2012, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Rodrigues. nairabp@hotmail.com

Já se percebeu que a música  
*faz livre* o espírito?  
que dá asas ao pensamento?  
que alguém se torna mais filósofo,  
quanto mais se torna músico?  
Nietzsche, *O caso Wagner*.

## Introdução

Esta pesquisa visa analisar o NEOJIBÁ (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia), projeto criado em 2007 como um dos programas prioritários no Governo do Estado da Bahia com o intuito de formar núcleos orquestrais e corais infanto-juvenis, alcançar a excelência musical e a integração social por meio da prática coletiva da música. A construção ética e pedagógica de crianças e adolescentes através da música é o foco de sua estratégia, utilizando-se de novas tecnologias, capacitação em ensino musical e reparação de instrumentos. (NEOJIBÁ, 2012)<sup>2</sup>.

O diretor-fundador do projeto é o pianista baiano Ricardo Castro. Em viagens para realização de concertos musicais na Venezuela conheceu o Sistema Nacional de Orquestras Juvenis e Infantis da Venezuela, El Sistema, criado há 37 anos. O pianista ficou encantado e planejou implantar o modelo na Bahia, utilizando suas referências. “No Brasil, o El Sistema reconhece o NEOJIBÁ como o seu principal representante e de iniciativa pioneira”, conta Castro. A meta é que o projeto se propague por todas as cidades do estado baiano, algo que acontece na Venezuela. “Por meio da prática orquestral, levamos a criança a ultrapassar seus limites. Dessa forma, elas saberão como chegar a excelência em qualquer área”, explica Castro. (Anexo A)<sup>3</sup>.

Na busca pela formação genuína do ser humano, enquanto ser cultural e social, e pelo resgate da humanidade deste, devemos primar por dar-lhe as bases para apropriar-se de diversas linguagens, desenvolver seu pensamento e ação. Portanto, para a humanização digna de um cidadão, é imprescindível o fortalecimento de suas capacidades de articulação e expressão. E a arte, enquanto um conjunto de linguagens sensíveis ao homem e seu mundo, é um importante alicerce para o sucesso deste desafio – da humanização do homem. (ALMEIDA, 2005: p. 20)

Diagnosticar se o conceito de Nestor Canclini sobre hibridismo cultural, ou seja, o diálogo entre cultura erudita, cultura popular e cultura de massa que acontecem na América Latina e sua inserção no cenário mundial, se faz presente nesse contexto por

---

<sup>2</sup> Dados do site oficial do NEOJIBÁ. Disponível em: <[www.neojiba.org](http://www.neojiba.org)>. Acessos 18 out. 2011 e 05 abr. 2012.

<sup>3</sup> Cf. Anexo A - Entrevista com Ricardo Castro.

meio da estratégia e estrutura do programa. Quais seriam as estruturas envolvidas nessa fusão? Há transformação nesses processos?

O NEOJIBÁ nos chama a atenção por manter um repertório popular em uma estrutura orquestral (erudita), além de sonoridade prodigiosa, há fusões em suas músicas, percebe-se então a presença do conceito de processos híbridos.

## **1. NEOJIBÁ, a versão brasileira do El Sistema**

“A música é uma linguagem de diálogo”, Ricardo Castro.

O NEOJIBÁ completa cinco anos de existência em 2012. O dia oficial de comemoração é 20 de outubro, data da realização do primeiro concerto da Orquestra Dois de Julho, sua primeira criação. Elizabeth Ponte, diretora administrativa e coordenadora do setor de desenvolvimento institucional do NEOJIBÁ, explica que o programa é inspirado na filosofia do El Sistema e pretende alcançar os mesmos resultados do projeto venezuelano: transformação da juventude, multiplicação, cooperação e profissionalização dentro da música (Apêndice A)<sup>4</sup>. Assim, o NEOJIBÁ é:

Um programa que proporciona gratuitamente a todos os integrantes, sem distinção social, instrumentos musicais para a prática orquestral, material pedagógico, ensino de prática e teoria musical dispensado por profissionais qualificados, auxílio transporte e lanche, além de uma bolsa auxílio. (NEOJIBÁ, 2012)

Os primeiros alunos selecionados tinham conhecimentos musicais, sabiam tocar algum instrumento. Foram selecionados em número de 80, para formar a primeira orquestra juvenil da Bahia e capacitar jovens a lecionar música no projeto. Dois anos depois, em 2009, aconteceu uma nova seleção para 80 novos integrantes, sendo que o pré-requisito era o conhecimento básico de música. Formou-se a segunda orquestra, a Orquestra Castro Alves, quando os alunos também receberam formação pedagógica específica para darem aula como monitores e futuros professores do programa. Em 2011 abriram-se vagas para 570 alunos iniciantes, ou seja, crianças e jovens sem conhecimento musical. Nesta última fase, os alunos das primeiras orquestras começaram a atuar como professores-monitores, ao mesmo tempo, receberam aula e realizaram apresentações. Para esses alunos sem conhecimento musical Ponte explica que o único critério de seleção é a vontade de participar, para tanto esclarece: “A gente

---

<sup>4</sup> Cf. Apêndice A - Entrevista com Elizabeth Ponte, concedida à autora em 23/03/2012.

faz um concerto da orquestra nas escolas para despertar a vontade e a curiosidade deles e a partir daí são abertas as inscrições”. (Apêndice A)

“Feliz aquele que ensina o que sabe e aprende o que ensina” (Cora Coralina). Esta frase descreve o grande diferencial do projeto, seu objetivo de multiplicação, ou seja, os primeiros alunos são capacitados para, no futuro, atuarem como professores no projeto. O fundador Ricardo Castro declara que esse é o lema principal do projeto, *aprende quem ensina*. Este objetivo amplia o conhecimento dos alunos-monitores, e se torna um exemplo que os alunos podem levar para vida toda, todo mundo pode aprender e todos podem ensinar. Segundo Castro, o primeiro núcleo é germinativo e cooperativo, no futuro, pretende-se expandir para todas as cidades baianas. É o que nos explica Elizabeth Ponte sobre professores convidados a ministrar aulas aos participantes do projeto:

Quando chega um professor convidado e ensina esses alunos que existe uma via de mão dupla do aprendizado, quando se trabalha com a prática coletiva de música, eles aprendem uns com os outros no cotidiano das atividades, aprendem com os professores e os professores aprendem com eles. (Apêndice A)

O projeto reúne 730 integrantes, com idades entre 6 a 29 anos que formam três núcleos: o Central, em Salvador, de formação e capacitação profissional, são 150 jovens que começaram a lecionar aos novos alunos do programa em 2011. E dois núcleos de prática orquestral, um instalado em Salvador e outro em Simões Filho. Ponte explica que o NEOJIBÁ tem uma rede de projetos parceiros, que foram mapeados e hoje recebem ajuda do projeto, com vislumbre de se tornarem núcleos. São seis parceiros, cinco no interior, em Santa Cruz Cabralia, Conceição de Boité, Jacobina, Porto Seguro e Anjical que fica no extremo oeste, e um projeto em Salvador, que é o Estrelas Musicais. (Apêndice A)

Três orquestras e um coral são distribuídos da seguinte maneira: Orquestra Sinfônica Juvenil Dois de Julho (J2J), com 94 integrantes. Orquestra Castro Alves (OCA), com 59 integrantes. Orquestra Juvenil da Bahia (Youth Orchestra of Bahia - Yoba), grupo formado pelos 100 melhores integrantes do projeto. Devido à demanda de jovens que querem participar do programa, foi criada a Orquestra Pedagógica Experimental (OPE) que capacita músicos entre 8 e 15 anos. E um coral com 40 jovens do Teatro do ICEIA, em Salvador. Inicialmente os alunos eram distribuídos nas orquestras pela idade, procedimento muito usado em programas educacionais, mas hoje



a classificação é por conhecimento musical, procedimento habitual em orquestras profissionais. (NEOJIBÁ, 2012)

Um aspecto singular no projeto é o desapego de inclusão social. Assim, o foco principal é a integração social. Por isso, os primeiros processos de escolha foram para dar oportunidade a todos os jovens baianos de tocar em orquestra, de todas as classes sociais, dando mesma oportunidade a pobres e ricos. Observa-se, com o último levantamento feito pela administração, que 60% dos integrantes vêm de família das classes média e baixa (Apêndice A). Quem confirma esse sistema de escolha é o próprio Castro quando assegura “oferecermos a todos, sem distinção, um ensino musical de qualidade comparável ao de grandes centros musicais”. (Anexo A)

A metodologia usada no NEOJIBÁ é totalmente inspirada no programa El Sistema, possui uma intensa prática musical em grupo com o compromisso de manter a diversão e alegria presentes na aprendizagem e na criação musical diária. Com educação musical de qualidade é possível apresentar uma qualidade musical de excelência. A atividade musical orquestral necessita de muito empenho para mostrar um bom trabalho.

Em uma sequência de aprendizagem, a partir de 5 e 6 anos os alunos começam a estudar ritmo e expressão corporal, e assim a motivar movimentos corporais sem perder a técnica. Essas crianças podem escolher os instrumentos – entre flauta doce e percussão – e a participação em um coro. Os instrumentos de orquestra podem ser escolhidos aos 7 anos. (NEOJIBÁ, 2012)

**O ensino:** Para desenvolver o senso de qualidade sonora, muitas vezes, o aluno focaliza em uma única nota musical de uma canção, cantando ou tocando o instrumento, na primeira fase de ensino. Aprender a usar uma notação musical pode levar muito tempo e isso será ensinado progressivamente. Há três níveis de ensaios (aulas) semanais, de naipes<sup>5</sup>, individual e geral. Ensaios coletivos e aulas individuais ocorrem diariamente. O ensaio geral da orquestra acontece no Teatro Castro Alves uma vez por semana. Uma rotina contínua e diária de estudos garante a qualidade e o rápido aprendizado. Motivar os alunos a se apresentarem tanto quanto possível em frente ao público é muito importante para formação natural de sua vida como músico, diminuindo a pressão em apresentações e tornando-as mais prazerosas. (NEOJIBÁ, 2012)

---

<sup>5</sup> Instrumentos da mesma família – madeiras, sopros, arcos e percussão.

**O entorno:** um lugar seguro, divertido e alegre, que promove a auto-estima e senso de valor. Os jovens são motivados por si próprios, seus colegas e professores. Levar disciplina sem ser exageradamente rigoroso, trabalho duro e conquistas significativas para o sucesso, em paralelo com divertimento, sempre deve estar presente. (NEOJIBÁ, 2012)

**Professores:** no El Sistema, a maioria dos professores são frutos do projeto. O mesmo começa a acontecer no NEOJIBÁ, quando em 2011 os alunos-monitores iniciam a prática de ensinar. “Esses professores-monitores entendem o valor musical e social, concedem atenção aos alunos de forma integral, pois vieram do programa”, como confirmam dados do site oficial do programa. (NEOJIBÁ, 2012)

**Plano de estudos:** os alunos começam tocando grandes obras de compositores nacionais e estrangeiros com arranjos mais simplificados, de acordo com o conhecimento e aprendizado musical. No futuro essas obras são novamente incorporadas aos estudos e apresentações com o nível de execução maior, conforme o progresso de cada um. (NEOJIBÁ, 2012)

Outra perspectiva é o intercâmbio musical, cultural e educacional. O programa já recebeu 120 professores convidados oriundos do Brasil, Venezuela, Suíça, EUA, França, Alemanha dentre outros.

### **O responsável**

Pianista, diretor-fundador e maestro do NEOJIBÁ, Ricardo Castro nasceu em Vitória da Conquista e começou a tocar piano nos primeiros anos de vida. O primeiro recital aconteceu aos oito anos de idade. Logo depois, aos 10, tocou com a Orquestra da UFBA (Universidade Federal da Bahia) um concerto de Haydn. Estudou piano e regência na Europa com recursos próprios e ganhou vários concursos internacionais de piano. Pianista reconhecido mundialmente por sua musicalidade e especialidade em Chopin, morou na Suíça desde 1982 e voltou para o Brasil com o objetivo de implantar o NEOJIBÁ. Anteriormente trabalhou com projetos sociais na Bahia, como o Projeto Axé de Salvador e o Conquista Criança, em Vitória da Conquista. (Ricardo Castro, 2012)<sup>6</sup> Pouco antes de 2007 o maestro percebeu que estava numa fase de vida em que

---

<sup>6</sup> Site oficial de Ricardo Castro. Disponível em: <<http://www.ricardocastro.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

poderia desenvolver um trabalho baseado nesse projeto e quis implantá-lo na Bahia, como nos confirma:

Sempre tive interesse pelo social quando era jovem, mas fui feito para ser músico. Pela primeira vez, vi que dava para casar as duas coisas. Eu não era tão feliz na Europa. Não me traz felicidade, não me é suficiente dar concertos e recitais e receber milhares de dólares. Meu papel na sociedade não estava sendo bem cumprido. A possibilidade de trazer o programa e transformar alguma coisa fez com que eu aceitasse modificar a atividade como concertista e me dedicar ao projeto na Bahia. (Rizomas, 2011)<sup>7</sup>

### **El Sistema: a inspiração**

Trabalho idealizado e realizado pelo maestro José Antonio Abreu, um visionário, o programa conhecido como El Sistema, foi criado em 12 de fevereiro de 1975. “Tocar e lutar” é o lema principal do projeto, que vem sendo seguido por Abreu, alunos e professores. O programa sociocultural ajuda atualmente cerca de 350 mil crianças e jovens na Venezuela. “O número de crianças que chegam até nós através da música só é comparável ao interesse normalmente despertado pelo esporte”, afirma o maestro.

A missão do programa se constitui em:

Una obra social del Estado Venezolano consagrada al rescate pedagógico, ocupacional y ético de la infancia y la juventud, mediante la instrucción y la práctica colectiva de la música, dedicada a la capacitación, prevención y recuperación de los grupos más vulnerables del país, tanto por sus características etarias como por su situación socioeconómica. (Fundação Simón Bolívar, 2011)<sup>8</sup>

El Sistema foi inserido em todos os estados e cidades da Venezuela com 200 orquestras e hoje em dia atinge a 300 mil famílias. “É o maior acontecimento da música clássica no mundo inteiro”, segundo palavras do maestro inglês Simon Rattle, diretor artístico da Filarmônica de Berlim. (SÁNCHEZ, 2007: p. 67)

A estrutura do El Sistema é constituída por 96 núcleos no país, com 1.288 instrutores. Cada núcleo possui seu centro acadêmico (teoria) e orquestra (prática). Em 1995 foi criado o Programa de Educação Especial para alunos com alguma deficiência física e/ou mental. Três anos depois (1998), criou-se a Orquestra Juvenil Gustavo Machado que atende a 120 alunos, com idade entre 6 e 18 anos, que cometeram algum delito e/ou vítimas de maus tratos e/ou abandono da família. A Fundação conta com o apoio de um conjunto de instituições, destacando o Centro Nacional Audiovisual de

---

<sup>7</sup> Declaração de Ricardo Castro ao site Rizomas. Disponível em: <<http://rizomas.net/cultura-escolar/producao-dos-alunos/utopia-e-cotidiano/128-neojiba.html>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

<sup>8</sup> Site oficial da Fundação Simón Bolívar. Disponível em: <<http://www.fesnojiv.gob.ve/es/mision-y-vision.html>>. Acesso em: 04 ago. 2011.

Música Inocente Carreño e o Centro Acadêmico de Lutheria, declara Freddy Sánchez. (SÁNCHEZ, 2007: p. 67) O custo do projeto em 2009 foi de 30 milhões de dólares anuais, ou seja, 120 dólares por criança ao ano, 10 dólares ao mês. Valores que vertidos em moeda brasileira atingem a aproximadamente 25 reais por criança ao mês. Uma quantia quase irrelevante ao se pensar no número elevado de crianças e adolescentes atendidas. (Milton Ribeiro, 2011)<sup>9</sup>

Segundo o professor Freddy Sánchez, que atua em um dos núcleos da Fundação Símon Bolívar, ao analisar o projeto, conclui que a causa determinante do sucesso seria todo conjunto. Mas está no empenho de seu líder, o maestro José Antonio Abreu, a causa evidente que determinou o êxito deste projeto educacional e sociocultural. Tanto que Abreu foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz. Pois é o maestro o responsável pela inspiração, pela criação, pela luta e a participação ativa em El Sistema, que provavelmente esteja o coração do projeto. Por isso Sánchez conclui, “[Abreu] Decidiu dedicar-se total e incondicionalmente ao modelo que sintetiza a experiência organizacional, gerencial, musical e pedagógica”. (SÁNCHEZ, 2007: p. 63-64)

## **2. Hibridismo ou processos de hibridação?**

Neste tópico, nos arriscamos a expor à discussão o conceito de Canclini, sobre hibridismo, e de Milton Santos, sobre o uso das ferramentas na era da globalização, justamente por propor um diálogo entre tais conceitos e o objeto de estudo. Faz-se necessário tentar entender o diálogo do programa NEOJIBÁ com os conceitos de políticas culturais e economia da cultura.

Nestor Canclini alerta para o uso da palavra hibridismo na contemporaneidade, é preciso ter cautela ao usá-la. O autor esclarece:

Parto de uma primeira definição: entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pelo qual não podem ser consideradas puras. (CANCLINI, 2008: Introdução, p. XIX)

Canclini analisa os contrapontos, conhecidos pela sociedade como tradição-modernidade e culto-popular, no contexto da América Latina. Seu estudo mostra que

---

<sup>9</sup> Dados do Blog de Milton Ribeiro. Disponível em: <<http://miltonribeiro.opsblog.org/2009/03/29/shostakovich-sinfonia-n%C2%BA-10-2%C2%BA-mvto-allegro/>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

essas antíteses sofrem misturas e coexistem entre si, o que o autor denomina de processos híbridos. O hibridismo cultural sempre existiu, desde os primeiros contatos entre diferentes sociedades e esse conceito oferece parâmetro para a análise das interações entre culturas. (CANCLINI, 2008: p. 354)

Algo importante da visão sobre o objeto é explicado na teoria de Nestor Canclini “nem transplante alienado, nem desajuste com a própria realidade: tentativas de organizar o mundo moderno sem abdicar da história”. (CANCLINI, 2008: p. 117)

O uso do conceito (hibridismo) é intensificado pelos processos da globalização. Neste sentido, serve para pensar nas consequências destas interações e o que não pode ser classificado nem como global ou local ou erudito ou popular, mas o que se relaciona na sua coexistência. A modernidade caminha junto com a utilização dos processos híbridos, estes não rompem o tradicional, mas mesclam-se fazendo uma justaposição de características, diferentes temporalidades, artefatos, estilos e lugares. (CANCLINI, 2008: p. 362-367)

O processo de hibridação (re)configura a reflexão dos locais e identidades culturais. Em meio a este paradigma as localidades despontam como identidades com muitos fatores híbridos a serem constatados. Nesse sentido, um exemplo é o uso da estrutura erudita (orquestra) para apresentar no repertório músicas populares, geralmente sem uma escrita formal, faz-se necessário uma escrita estruturada para que a orquestra possa tocá-la. Observa-se o processo de hibridação, o que era e/ou é passado pela oralidade ou escrita simples, ganha escrita formal complexa. Na maioria dos casos, o ritmo é de uma dança e vê-se outro processo de hibridação, um casal de dançarinos que, integrantes do NEOJIBÁ, unidos à orquestra dançam quando não tocam seus instrumentos. Como se vê, trata-se de uma mistura, entre as artes, com novos resultados artísticos. Canclini explica que não se utiliza do conceito de hibridação para estabelecer identidades “puras” ou “autênticas”, visto que não existem há tempos. (CANCLINI, 2008: introdução, p. XXIII)

Outra perspectiva é o intercâmbio musical, cultural e educacional. Alunos viajam para conhecer o programa na origem. Fazem concertos internacionais. Professores de vários países vêm ao Brasil dar aula aos participantes do NEOJIBÁ. Toda essa troca de experiência é resultado da utilização de novas técnicas. A globalização mais humana, utilizando a base material atual para construção de um mundo mais sensível, ao serviço de alicerces políticos e sociais. (SANTOS, 2009: p. 20)

Vale também destacar neste artigo a importância de políticas culturais e economia da cultura, visto que são iniciativas e recursos indispensáveis ao programa em foco, o NEOJIBÁ, que não existiria se não fosse o Governo da Bahia, pois é um programa mantido pelo Estado. O atual secretário estadual da cultura da Bahia, Antonio Albino Canelas Rubim apoia o programa, vê futuro em sua expansão e afirma (Apêndice B)<sup>10</sup>, “A ideia é que essa renovação se expanda para o interior. Porque o objetivo deles é interesse nosso”.

O conceito de política cultural foi sugerido pela primeira vez na UNESCO, segundo Ana Carla Reis ao retomar o conceito de José Teixeira Coelho Neto que resgata o sentido de ‘público’ como ‘coletivo’, ultrapassa os limites governamentais abrangendo outras esferas da sociedade –, como o conceito de transversalidade da cultura, que permeia e integra todas as demais políticas públicas. Um dos principais objetivos das políticas públicas culturais é desenvolver diversidade cultural, regeneração geográfica, cultura e imagem nacional, cultura e identidades, qualidade de vida e democracia cultural e inclusão. (REIS, 2007: p. 140-143)

Para que uma política cultural cumpra o objetivo da busca do desenvolvimento sustentável e integrado, é necessário que os setores público, privado e a sociedade civil atuem em conjunto, promovendo uma leitura mais ampla e completa das necessidades, prioridades e características próprias de seus países (REIS, 2007: p. 140). Hoje, o NEOJIBÁ é um exemplo do modelo citado, e desde 2009 possui gestão compartilhada como nos explica Elizabeth Ponte:

É um programa público, do governo do Estado da Bahia e da secretaria de cultura, mas que é gerido por uma entidade do Terceiro Setor, que é a Associação de Amigos das Orquestras Juvenis e Infantis do NEOJIBÁ (AOJIN). Esse modelo de gestão é chamado de publicitação, a parceria entre o Estado e o terceiro setor, o governo financia o núcleo central desse programa. (Apêndice A)

Segundo Rubim, as políticas públicas de cultura nacionais possuem três tristes tradições: ausência, autoritarismo e instabilidades, historicamente nessa ordem, e que na Bahia reproduziu-se esta dinâmica. O autor declara que o estado teve longas ausências de políticas culturais e a Secretaria Estadual de Cultural foi criada tardiamente e logo depois fechada. Recriada em 1995 em conjunto com o turismo, ou seja, uma nova secretaria, Secretaria de Cultura e Turismo, gerando um problema, a cultura ficou a mercê do turismo. Até o seu recente desmembramento, a cultura sofreu com a

---

<sup>10</sup> Cf. Apêndice B - Entrevista com Antonio Albino Canelas Rubim, concedida à autora em 11/11/2011.

imposição de uma identidade unilateral, sem oportunidade de democratizar a diversidade da sociedade baiana. (RUBIM, 2010: p. 8-10)

Com os governos recentes Rubim esclarece que:

A existência prévia da gestão Lula-Gil (Luiz Inácio Lula da Silva - Gilberto Gil) e agora o novo governo de Jacques Wagner e Márcio Meirelles, por certo, abrem plenas possibilidades de construção de verdadeiras políticas públicas de cultura, que possibilitem diálogos, criação, circulação, acesso, consumo de cultura neste estado chamado Bahia, que tem seu passado, seu presente e certamente seu futuro associados de modo intrínseco à cultura. (RUBIM, 2010: p. 10)

Pode-se perceber a mudança das políticas da Bahia pela iniciativa com o programa NEOJIBÁ, um programa da Secretaria da Cultura da Bahia financiado totalmente pelo governo nos dois primeiros anos de existência. Hoje, continua em parceria com empresas privadas.

O fato deste projeto ter se mantido, primeiro com o incentivo público, e depois com o apoio do privado, em conjunto, nos remete a pensar que hoje, vivendo em um mundo capitalista, a economia devolve à cultura sua voz ativa, ao restituir seu valor econômico, a economia da cultura traz ajuda nas negociações multilaterais. Assim, a cultura pode transitar pelos meandros econômicos. (REIS, 2007: p. 8-9) Usa-se a economia da cultura para mostrar a importância da arte como motor de crescimento econômico e seu potencial para desenvolvimento socioeconômico, dentre outros. (REIS, 2007: p. 141-145)

Portanto ao se usar a lógica econômica e sua metodologia (planejamento, eficiência, eficácia, estudo do comportamento humano e dos agentes do mercado) no campo cultural, passa a ser instrumental, ela não impõe regras, se coloca a serviço da cultura para atingir seus objetivos, segundo Ana Carla Reis Fonseca. (REIS, 2007: p. 6) A autora também nos relata, em seu recente livro *Cidades Criativas*, que em 2003, Gilberto Gil (ministro da cultura na época) começa a defender “uma convergência de olhares entre cultura e economia, não perdeu a oportunidade de, dois meses após [...] o encontro da UNCTAD (2004)<sup>11</sup>, lançar os pilares da realização de um Fórum Internacional das Indústrias Criativas, em Salvador.” (REIS, 2012: p. 30) Indústrias Criativas, conceito ainda novo no Brasil, apoia-se em dois eixos estruturais “do conhecimento advindo de ciência e tecnologia (que agrega valor e inovação) e o da

---

<sup>11</sup> 11ª encontro quadrianual da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), realizada em São Paulo.

cultura (que lhe confere originalidade não copiável), dando margem a uma ampla gama de possíveis combinações de ambas,” explica a autora. (REIS, 2012: p. 37)

Dessa forma, podemos entender o que Ricardo Castro nos diz quando afirma (Anexo A), “Nós não somos pobres, o Brasil não é um país pobre, a Bahia não é um estado pobre. Esse discurso tem que parar, simplesmente tem que se investir no lugar certo, trabalhar da maneira correta”. E se trazemos essa questão da riqueza cultural para o NEOJIBÁ, podemos concordar com o que diz Castro (Anexo A), “A orquestra é um elemento transformador da sociedade que agrega, dá possibilidade de colocar pessoas, de origens diferentes, culturas diferentes e religiões diferentes”.

### **3. Metodologia**

"Não há caminho fácil da Terra às estrelas", Sêneca.

Em paralelo às pesquisas acadêmicas, fizemos um mapeamento via internet em revistas especializadas de música e educação musical. Dois tipos de entrevista foram realizadas para este artigo. Entrevista livre como a realizada com o secretário da cultura da Bahia, Antonio Rubim, em novembro de 2011. E a entrevista semi-estruturada com Elizabeth Ponte, diretora administrativa e coordenadora do setor de desenvolvimento institucional do NEOJIBÁ, em março de 2012.

Às leituras e estudos de dados e informações, partimos para uma análise embasada em conceitos das obras *Culturas Híbridas*, do argentino Nestor Canclini e *Por uma outra Globalização*, do baiano Milton Santos. Também lançamos mão de ideias, pensamentos, e conceitos de Antonio Rubim e Ana Carla Reis no que diz respeito às políticas públicas e economia da cultura. Vale acrescentar que o livro de Maria Nazareth Ferreira, *Alternativas Metodológicas para a Produção Científica*, serviu de base para responder a questões acadêmicas, na elaboração da estrutura deste artigo.

### **4. Um novo olhar: maneiras de (re)descobrir a música de concerto**

Ao retomar o que Canclini nos aponta sobre a necessidade de se pesquisar fenômenos, ele declara ao pesquisador para não ficar somente na exposição do objeto, apenas relatando as fusões, é necessário traduzir a relação da importância do resultado das misturas, ou seja, qual sua utilidade:



Uma dificuldade para cumprir esses propósitos é que os estudos sobre hibridação costumam limitar-se a descrever misturas interculturais. Mal começamos a avançar, como parte da reconstrução sociocultural do conceito, para dar-lhe poder explicativo: estudar os processos de hibridação situando-os em relações estruturais de causalidade. E dar-lhe capacidade hermenêutica: torná-lo útil para interpretar as relações de sentido que se reconstroem nas misturas. (CANCLINI, 2008: Introdução, p. XXIV)

Verificamos que em dois momentos é possível se pensar em processos de hibridação quando da atuação do NEOJIBÁ, especificamente quando nos referimos à realização dos concertos. O primeiro diz respeito à linguagem musical utilizada pelo grupo. Trata-se de adotar um estilo que bebeu dessas fusões. O repertório apresenta composições de músicos populares utilizando a estrutura de orquestra tradicional (europeia). Ou seja, melodias simples de músicas tradicionais e/ou folclóricas feitas para entreter, agora com arranjos elaborados para uma orquestra com 100 integrantes. O intuito de difundir o leque de músicas populares brasileiras incrementa os valores da história musical do país. A construção dos arranjos é produzido por uma estrutura chamada de harmonia musical, que articula, organiza, encadeia os sons, com um modo de pensar, seguindo regras estruturais que predentem levar ao sublime através da razão e não somente da emoção, ou seja algo pensado. A música popular também é pensada, claro, mas a estrutura erudita procura uma elaboração profunda, com hierarquias e funções e regras específicas para o encadeamento de acordes<sup>12</sup>. O NEOJIBÁ mostra canções originais, incorporadas pela orquestra, fato que decorre pelo diálogo aberto entre o regente-fundador e seus alunos desde o princípio, sua orquestra traz traços de gostos variados, resultado de uma construção em conjunto de todos, enriquecendo e proporcionando o início do processo de hibridismo por intermédio do diálogo. (Anexo A)

E o segundo, diz respeito às linguagens artísticas distintas presentes nessas apresentações do NEOJIBÁ. Integrantes das orquestras, durante as apresentações musicais, também participam dançando. É o caso de um casal que assume o papel de dançarinos, deixando por alguns minutos a tarefa de músicos, ficando mais parecidos a um casal profissional de dança. A expressão corporal de toda a orquestra é forte em todas as apresentações de composições brasileiras e latino-americanas.

---

<sup>12</sup> Conjunto de dois ou mais sons tocados simultaneamente ou não.

A exemplo da intervenção deste casal citado, o NEOJIBÁ realiza movimentos corporais que não ocorrem em concertos de orquestras tradicionais. Na composição *Asa Branca* (baião), de autoria de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, os músicos começam a peça batendo os pés no chão. Há uma citação, do tema principal da peça *Berimbau*, de autoria de Baden Powell e Vinícius de Moraes, tocada durante a execução de *Asa Branca*. Ainda nessa peça, os músicos executam pequenos solos<sup>13</sup> quando nesse momento se levantam. Essa ação que acontece em várias composições e não é comum em orquestras tradicionais. E, por último, dois percussionistas caminham do fundo para o lado da orquestra, e tocam em pé até o fim da peça.

*Batuque* (farró), de autoria de Lorenzo Fernandes, também começa com os músicos batendo o ritmo com os pés junto com os toques da percussão. Ao final, toda a orquestra toca em pé os últimos compassos<sup>14</sup> da peça. *Tico-Tico no Fubá* (choro), de autoria de Zequinha de Abreu, é um bis que se inicia sem regente, apenas com ritmos de samba na percussão. Depois, quem não está tocando, movimenta seus instrumentos, em seguida os músicos se levantam, rodam, tocam e até sambam, em momentos variados. Nessa peça, os músicos fazem juntos por naipe. No meio da peça um casal de dançarinos aparece bailando ao lado da orquestra, que se levanta com efeito de “ola” realizado em jogos esportivos. Em *Carinhoso* (choro), de autoria de Pixinguinha e Braguinha (João de Barro), mesmo sentados, os músicos se mexem, para frente e para trás, reproduzindo o movimento de uma “onda”, que sugere o movimento do mar, apresentada pela Orquestra Pedagógica Experimental. Ao final de uma apresentação no Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, em São Paulo, festival tradicional, conhecido por seu caráter erudito e até bastante circunspeto, a Orquestra Juvenil da Bahia levou seu repertório variado e com final surpreendente, tocou um frevo como bis. Foi então que os músicos se levantaram, dançaram e se movimentaram pelo palco, representando o carnaval da Bahia, ao finalizar a peça, saindo do palco, aos poucos, como se estivessem seguindo um bloco de carnaval de rua. (Anexo B)<sup>15</sup> Esse atributo do NEOJIBÁ traz um vínculo com o público, os ritmos e movimentos fazem com que os espectadores também se movimentem, levando a uma sintonia, fisicamente explicada por uma mesma vibração, que conecta a orquestra e os ouvintes.

---

<sup>13</sup> Um solo acontece quando o compositor quer dar destaque para um instrumento, o músico toca sozinho e a orquestra fica em silêncio ou, as vezes, faz um som baixo, se tornando acompanhamento do solista.

<sup>14</sup> Divide a música, escrita na partitura, em pequenos trechos musicais de duração (tempo) igual ou não, separados por um travessão (barra de compasso).

<sup>15</sup> Cf. Anexo B – Lista com links dos vídeos das composições citadas, em apresentações do NEOJIBÁ.

## O futuro

Após tantas lutas dos educadores musicais brasileiros, este ano entrou em vigor a lei que torna obrigatória as aulas de música na escola, estamos mais de três décadas sem essa disciplina. Esta providência vai ao encontro de uma das metas do NEOJIBÁ, a de capacitar alunos para o mercado de trabalho. Depois que saem do programa, além de exercerem a profissão de músico, podem se tornar professores de escolas públicas, levando a experiência das metodologias do modelo venezuelano e brasileiro. Pode-se criar um paralelo com dois educadores musicais, citados a seguir.

Edgar Willems,<sup>16</sup> defende uma educação musical baseada nas etapas psicológicas do desenvolvimento humano aplicada à vivência musical, levando a melhor escuta, independência motora e afinação. Para Willems, a educação musical é, na sua essência, humana, pois não está fora do homem, mas dentro dele. O pedagogo defende:

Quando se trata de educação, ao entrar em contato com a música num contexto de disciplina intelectual muito científica, não se deve esquecer de que, antes de tudo, a música é sensibilidade. Além de que o homem possa pressentir que tudo deve convergir a valores humanos superiores, também a música e sua compreensão, diz ele, oferece uma via de perfeição e de evolução. (CAMPOS, 2000: p. 37)

Um defensor da prática de ensino musical vinculada a movimentos é o pedagogo musical Emilie Jaques-Dalcrose, que criou um sistema de coordenação entre música e dança<sup>17</sup>, e acreditava que o ensino do ritmo é melhor absorvido quando feito junto com movimentos corporais, pois desperta sensações musculares, que acumuladas, levam ao sentimento de prazer.

Aqui, faz-se necessária uma observação sobre a questão da educação musical, tão pertinente ao assunto central deste artigo. Em minhas pesquisas musicais e estudos realizados desde a universidade, em 2001, percebi que grandes músicos brasileiros sempre se preocuparam com a educação musical do país, ao destacar dois pedagogos musicais do início do século XX, os maestros e compositores Heitor Villa-Lobos e Hans-Joachim Koellruetter.

Villa-Lobos promoveu uma estratégia de música nas escolas, vinculada ao governo de Getúlio Vargas, dirigiu o SEMA<sup>18</sup>, implantou práticas corais nas escolas

---

<sup>16</sup> Nascido em 1890, em Lanaken, na Bélgica. Foi aluno de Dalcrose, os dois defendiam a democratização do ensino de música.

<sup>17</sup> Nascido em Viena (Áustria) em 1865. O sistema é conhecido como a Eurrítmica.

<sup>18</sup> Superintendência do Ensino Musical e Artístico da Cidade do Rio de Janeiro.

com apresentações que reunia até centenas de crianças. O NEOJIBÁ se assemelha com o movimento criado por Villa-Lobos, apesar de ser um embrião, seu modelo inspirador revela a possibilidade de difundir a música através da educação musical.

Também Koellruetter<sup>19</sup>, na década de 30, lutou por uma educação musical transformadora. O maestro era contra a *arte pela arte*, pretendia tirar as pessoas da passividade e tinha em mente que a música moderna deveria vincular a prática política, uma ação ideológica de efeito transformador sobre o coletivo e o social. Na contemporaneidade, muitos educadores musicais começam e continuam a luta para uma qualidade na educação musical e vislumbram abrangência de aulas de música no país. Aluna de Koellreutter, Teca Alencar de Brito<sup>20</sup>, dentre outros grandes educadores musicais da atualidade, luta para uma educação musical de qualidade, defende o ensino de repertório vasto e variado e uma aliança com outras artes, destaca a criação musical desde os primeiros contatos com a música.

## 5. Considerações finais

“Quando você reúne esses meninos numa orquestra, mostra que eles têm um potencial para criar beleza. O contato entre eles se transforma em algo impalpável, é algo que somente a música pode oferecer, e especificamente a prática orquestral”, afirma Ricardo Castro. (Anexo A)

Esta pesquisa procurou pensar no programa NEOJIBÁ como um organismo, ao responder as questões como: Existem processos de hibridação como afirma Canclini, Quais são essas fusões?, Qual a relação com o conceito de Milton Santos sobre redescobrir o conceito de globalização e a utilização de seus recursos para melhor convivência em sociedade e quais as transformações dessa visão.

Um modelo sociocultural que preza pelo aperfeiçoamento, excelência e evolução humana. Percebe-se que os processos de hibridismo trazem novos olhares na composição da estrutura de orquestra, levando movimento a uma forma engessada que predominou durante séculos no Brasil e na América Latina. Fundindo passado e presente, transformando em algo sublime, em arte para a população e não apenas aos ricos. A chave foram esses processos de hibridação trazidos no programa, transformando em uma nova estrutura, para o século 21. Esta ação transforma a

---

<sup>19</sup> Veio da Alemanha, ainda jovem, morar no Brasil.

<sup>20</sup> Educadora Musical. Professora Doutora do Departamento de Música, no curso de Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Educação Musical desde agosto de 2008.

orquestra, seus participantes diretos e indiretos, o entorno, público e família, levando conhecimento, emoção (sentimento) e Cultura ao povo.

Por intermédio de novas estratégias, da globalização, utilizada de maneira que possa ser aproveitada, buscando a excelência na música pelos músicos, um projeto sociocultural que traz como consequência o benefício uma qualidade de vida, ampliação da cultura e recursos financeiros, conduzindo a melhor vida em sociedade. E com destaque para as políticas públicas da Bahia, essenciais para o nascimento e progresso do NEOJIBÁ.

Nestas considerações finais é preciso destacar o que o programa ainda tem por fazer. E em se tratando de futuro Castro, Ponte e Rubim foram insistentes ao mostrarem a necessidade de o NEOJIBÁ ter sua sede própria, o que está demorando para acontecer. Será que o programa conseguirá uma nova sede, que atenda suas necessidades, em 2012?

Outras questões foram levantadas ao final deste artigo que por se tratar de uma pesquisa com tempo e tamanho reduzidos, deixou brechas para que num futuro não muito distante seja possível aprofundar-me nestas respostas, dar continuidade à pesquisa e responder a questionamentos como: Será que as futuras expansões no interior da Bahia conseguirão ser realizadas? O NEOJIBÁ conseguirá formar orquestras em cada uma das cidades do Estado da Bahia?

Fica aqui da parte da autora deste artigo a ideia e o desejo de continuidade em seguir com este tema, em particular, pensando nesses integrantes como organismos dentro do sistema NEOJIBÁ.

## 6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ana Elisa. **Homem: ser social, ser cultural**. Trabalho de Conclusão de Curso, UNESP Bauru, 2005.

CAMPOS, Moema C. **A educação musical e o novo paradigma**. Rio de Janeiro: Editora Enelivros, 2000.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas: da teoria à prática**. São Paulo: SESI-SP editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável**. Barueri, São Paulo: Editora: Manole. 2007.

RUBIM, Antonio A. C. “Políticas Públicas de Cultura no Brasil e na Bahia”. Disponível em: <<http://www.setur.ba.gov.br/categoria/biblioteca/>>. Acesso em 13 abr. de 2011.

SÁNCHEZ, Freddy. “El Sistema Nacional para las Orquestas Juveniles e Infantiles. La nueva educación musical de Venezuela” in: Revista ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), vol. 18, p. 63-69, Porto Alegre, Out. 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

TOMÁS, Lia. **Ouvir o logos: música e filosofia**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

Blog do grupo Brasil e Desenvolvimento. Disponível em: <<http://brasiledesenvolvimento.wordpress.com/2009/07/26/gustavo-dudamel-e-el-sistema-um-projeto-de-engrandecimento-do-ser-humano/>>. Acesso em: 01 ago. 2011.

Blog de Milton Ribeiro. Disponível em: <<http://miltonribeiro.opsblog.org/2009/03/29/shostakovich-sinfonia-n%C2%BA-10-2%C2%BA-mvto-allegro/>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

Site oficial da Fundação Simón Bolívar. Disponível em: <<http://www.fesnojiv.gob.ve/es/mision-y-vision.html>>. Acesso em: 04 ago. 2011.

Site oficial do NEOJIBÁ. Disponível em: <<http://www.neojiba.org>>. Acessos em : 18 out. 2011 e 05 abr. 2012.

Site oficial de Ricardo Castro. Disponível em: <<http://www.ricardocastro.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

Site Rizomas. Disponível em: <<http://rizomas.net/cultura-escolar/producao-dos-alunos/utopia-e-cotidiano/128-neojiba.html>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

## ANEXO A

Programa Perfil e Opinião - 2010

Disponível em: <<http://www.irdeb.ba.gov.br/tve/catalogo/media/view/1146>>.

Entrevistadora: Denny Fingergut

Entrevista com Ricardo Castro

Denny – Boa noite! São Paulo, Campos do Jordão, Londres e Lisboa são algumas das cidades que a orquestra Juvenil da Bahia, do programa NEOJIBÁ, núcleo de orquestras Juvenis e Infantis do Estado da Bahia se apresentam em turnê internacional, o Perfil e Opinião tem a honra de conversar com o pianista, regente, gestor da orquestra Sinfônica da Bahia e o fundador do programa NEOJIBÁ Ricardo Castro. Boa noite Ricardo!

Ricardo Castro - Boa noite Denny!

Denny – Ricardo esse é um programa que está ganhando repercussão grande internacional, você foi quem trouxe para o Brasil e para Bahia. Então eu queria que você contasse um pouco dessa história para gente, como é que começou tudo isso?

Ricardo Castro – Esse programa NEOJIBÁ é inspirado em algo que acontece na Venezuela há 35 anos, ou seja, desde 75 mais ou menos. Foi fundada a nova orquestra juvenil nos moldes que a gente fundou aqui, essa pessoa que se chama José Antonio Abreu criou um programa que hoje tem uma dimensão internacional, é impressionante ele é respeitado, está sendo citado para prêmio Nobel da Paz e tudo. Por coincidência de carreira, como pianista, eu visitei a Venezuela, nos últimos anos desde 2003, 2004, eu ia dar concertos e tive essa experiência de vida que foi ouvir aquelas orquestras infantis e juvenis tocando a um nível estratosférico e eu não entendia o que era aquilo, era uma coisa que ainda não era muito conhecida a nível internacional no mundo como é hoje, hoje eles gravam pra Deutsche Grammophon, o maestro principal deles já é regente de Los Angeles, ou seja, foi um choque aquela experiência e por coincidência eu cheguei num momento da minha vida onde eu poderia escolher uma nova direção, houve uma mudança de gestão do Governo da Bahia, talvez uma vontade de trazer novos projetos e o secretário da Cultura da Bahia, Márcio Meireles, que eu conheço pessoalmente há alguns anos, ficou sabendo desse projeto que eu tinha, eu tinha conversado com ele informalmente antes dele assumir a secretaria, ligou na minha residência na Suíça, perguntando se eu aceitaria assumir o cargo de gestor da orquestra sinfônica com a condição de implantar aqui na Bahia, ou seja, era uma condição minha e dele, eu falei “ó eu só vou se puder implantar” e falou “eu também só quero você se você vier para implantar”, então era uma coincidência de vontades e coragem, porque não é fácil você trazer para um estado, para uma cidade que existe há tantos anos, onde não havia movimento para juventude, nesse sentido, nós não criamos uma orquestra sinfônica juvenil nesse estado durante todos esses séculos. Enquanto que com menos tempo os



Estados Unidos o fez, eu sempre gosto de pensar e de comparar porque que o norte das Américas tomou aquela direção e aqui no Sul outra, principalmente a Bahia que é tão rica em música, em artes, em arquitetura, tem uma história interessante, porque que não se cuidou desse aspecto...

Denny – Por que foi?

Ricardo Castro - Acho que essas questões que a gente vai ter que continuar pesquisando, por que não é somente nesse sentido que nós estamos atrasados, o interior da Bahia ainda está no século dezenove, se você comparar com São Paulo, o estado da Bahia é muito atrasado, não precisa ir para o exterior para se dar conta disso, o que a gente está tentando fazer é pular o século vinte, e começar um século vinte e um, com todas as ferramentas, os recursos. Nós não somos pobres, o Brasil não é um país pobre, a Bahia não é um estado pobre, esse discurso tem que parar, simplesmente tem que se investir no lugar certo, trabalhar da maneira correta e ao ver a Venezuela que é um país que tem um tamanho muito parecido com o nosso (Bahia), o tamanho, a área, a população, 25 milhões (Venezuela), hoje tá com 17 milhões (Bahia), mais eles tinham, mais ou menos, 17 milhões quando começaram esse projeto em 75, só tinham duas orquestras sinfônicas lá em quanto que a gente têm uma e meia, porque a gente tem uma orquestra sinfônica da Bahia, na qual sou gestor e a outra orquestra é a orquestra da UFBA, que é formada pela metade dos músicos da sinfônica da Bahia. É muito pouco para uma cidade de 3 milhões de habitantes, Salvador. Quando eu vi esse projeto na Venezuela ele me transformou de tal forma que eu acreditei que estava no momento de trazer para cá e de me dedicar, quase que cem por cento, eu diminuí muito minhas atividades de concertista, para poder fazer o que faço hoje. Então foi isso, em janeiro de 2007 a gente começou...

Denny – Como é que vocês tornaram isso, que era ainda uma ideia, num embrião possível de se desenvolver e estar aí se apresentando?

Ricardo Castro – Foi preciso muita coragem. Primeiro da parte da secretaria de cultura, do secretário Marcio Meireles, e também minha de trazer uma coisa desconhecida. A primeira ação seria a discussão. A gente imediatamente na primeira semana de janeiro a gente fez um seminário, da estrutura da OSBA, Em Busca de Novos Caminhos, era o título, eu convidei Bolivar Botome da Venezuela, que é o representante da fundação lá (Venezuela), a Claudia Tone, que tinha sido diretora executiva da OSESP, que é a nossa grande orquestra de referência mundial agora, e hoje é assistente na área de música de concerto da secretaria de cultura de São Paulo. Só fazendo um parênteses, a secretaria de cultura de São Paulo, investe mais em música de concerto, só nessa área, do que todo o orçamento que nós temos aqui para cultura, eles têm mais de 150 milhões de reais, por ano, só pra área de música de concerto, então, a Claudia Tone é uma pessoa que viu crescer essa OSESP, ela tinha muito experiência com O.S. (Organização Social), que é essa coisa que o NEOJIBÁ é hoje, organização social, e eu trouxe também o Alex Klein, que é uma referência, um músico internacional que é referência no instrumento dele, é oboísta, dez anos o primeiro oboé da Sinfônica

de Chicago. Isso tudo começou com uma discussão aberta com os músicos da OSBA, explicando o que poderia ser a Bahia se a gente mudasse, mudasse de rumo, tomasse outro caminho e mudasse de ritmo também (risos), devagar não dá para fazer nada, eu sempre tive outro ritmo, então trouxe “ó, meu ritmo é esse, meu projeto é esse”. Imediatamente na primeira semana eu conversei com esses músicos, que são a elite da música de concerto nessa cidade, eu sempre disse que, onde se aprende mais a ser músico é tocando, muito mais do que numa escola, você não aprende a ser músico teoricamente, você tem que tocar, você tem que ter contato com grandes músicos também para aprender, a música é uma linguagem de diálogo, você não pode ficar fazendo um monólogo com papel, só escrevendo, nós temos poucas oportunidades desse diálogo em Salvador, os melhores músicos, realmente, estão concentrados na orquestra Sinfônica da Bahia, então com eles que eu comecei a dialogar para implantar esse projeto.

Denny – Quando a gente pensa nesse projeto, na Orquestra Sinfônica Juvenil, a gente imaginou inicialmente que era somente voltado para uma população carente, de alguma forma ia tirar pessoas da rua. Um projeto social especificamente, mas me parece que não é bem assim, tem isso também, como consequência...

Ricardo Castro – Olha, num país como o nosso isso é uma consequência natural, agora, é um grande diferencial do NEOJIBÁ, dele não criar o gueto, característicos das zonas de pobreza, eu não acreditaria que o NEOJIBÁ teria feito o caminho que ele fez hoje se ele fosse implantado numa favela...

Denny – Por quê? Porque essa é uma ideia que muitas pessoas tiveram, de através da arte e educação levar projetos como esse para uma favela e se imaginar que isso mudaria. A sua ideia ainda é muito diferente?

Ricardo Castro – Eu acredito que isso vale. Eu não acho que essa ideia seja errada, não é, acho que cada um pode trabalhar de formas diferentes. O que me impressionou muito ao conhecer o programa na Venezuela, foi de ver como a orquestra é um elemento transformador da sociedade, que agrega, ele dá possibilidade de colocar pessoas, de origens diferentes, de culturas diferentes, de religiões diferentes. A gente tem um exemplo incrível que é o Daniel Barenboim, ele criou uma orquestra com palestinos e israelenses, é o único lugar onde esse povo está em paz, hoje em dia, é nessa orquestra, é uma referência, uma ação corajosa de um músico. Na Venezuela, eu vi esse perfil social muito parecido com o nosso, a gente fala que o Brasil não é racista, na pele, mas ele segrega socialmente, quando alguém tem dinheiro a cor de pele muda imediatamente, essa segregação é pior, porque ela tende a manter a pessoa no seu status. O nosso pensamento é que o pobre, é pobre porque é pobre, então vai ficar pobre, e ninguém pensa que isso pode mudar e como isso poderia mudar. É básico, tem que mudar no início, na educação.

Denny – Oportunidades iguais...

Ricardo Castro – Oportunidades iguais, é com criança que a gente tem que trabalhar. E como esse conceito de educação precisa ser abordado de uma maneira mais eficaz, eu uso como exemplo o país que nos recebe, a Inglaterra, a Orquestra Juvenil da Bahia em menos de três anos já vai tocar em Londres, e esse país oferece a cada criança a possibilidade de aprender um instrumento quando entra na escola, então o resultado disso é que essa sociedade se transformou, a criança se desenvolve, o cérebro se desenvolve de outra maneira, e pronto, todos ficam mais avançados, eles ficam mais organizados, tem vários conceitos que são resolvidos porque você tratou bem a sua infância, a criança e o jovem, o conceito de violência, educação, interesse, a auto estima. Ninguém consegue sair, nem fazer nada se não acredita em si próprio, se a gente não fortalece isso. Dizer ao jovem: você pode! Você tem ferramentas para isso, todo mundo nasce com muitas ferramentas, a gente tem que descobrir quais são para que o jovem possa utilizar e sair da pobreza. Esses conceitos teóricos a gente já conhece, o que se desconhece é colocar, imediatamente, em comunicação vários segmentos da sociedade e que isso funcione. Se fosse um jogo de futebol, podia virar em briga, porque essas raivas vêm de lá de longe, uma criança pobre, que vê o *filinho* de papai andando de carrão, ele, às vezes, não consegue se controlar e vai virar um chute na canela. Enquanto que quando você reúne esses meninos numa orquestra, mostra que eles tem um potencial para criar beleza, o contato entre eles se transforma em algo impalpável, é algo que somente a música pode oferecer, e especificamente a prática orquestral. Então, porque que isso não funcionaria numa favela? Eu não digo em si numa favela, isso não funcionaria sem uma estrutura física, equipamento ideal, a gente não pode colocar meninos em um galpão qualquer, em um bairro barulhento, um calor insuportável e dizer: “toquem bem o seu instrumento!” Isso não funcionaria.

Denny – Nós falávamos a respeito da necessidade que um programa como esse tem de ter uma estrutura física, técnica e tal para se desenvolver bem...

Ricardo Castro – É o equivalente de você querer treinar um jogador de tênis num terreno enlameado, ou seja, vai talvez aprender a bater na raquete uma vez, duas, a bola não volta. Quando você trabalha com essa arte que é a música de concerto, que necessita um nível de excelência muito alto para que ela soe bem, você tem que dar uma estrutura para isso, foi fundamental e um grande privilégio ter iniciado o programa no Teatro Castro Alves, que é o único lugar que tem estrutura em Salvador, Salvador tem o déficit de equipamento cultural muito grande, onde cabe uma orquestra sinfônica, com uma qualidade acústica, sala de ensaio, onde se pode ligar o ar condicionado para suportar várias horas numa atividade que é física também, lugar de fácil acesso. Se você cria isso num bairro muito distante, que seria uma periferia, uma favela, você não está dando acesso a toda população, você está dando acesso aquela população, que não vai nem sair de lá, agente não se dá conta da quantidade de pessoas que nunca tinham entrado no TCA (teatro Castro Alves), com o programa do TCA, domingo a 1 real, que a gente começou a descobrir que as pessoas sonhavam em entrar nesse teatro, mas não podiam...

Denny – E se intimidavam também?

Ricardo Castro – Sim, tem a intimidação, tem o preço do acesso, não eram convidados, vamos dizer assim. Você vê uma grande população que nunca teve acesso. As pessoas não se dão conta que esses meninos que estão aí na rua hoje, pedindo dinheiro no sinal ou na praia, pedindo comida, resto do que você come. Hoje eu converso com essas crianças, e a primeira pergunta que eu faço: “você já entrou num cinema?” Ele: “não”, eu: “como não entrou num cinema?”. Isso foi quando eu comecei a voltar para cá, eu precisava me interar dessa realidade. Eu vivi em Vilace, ia para aquela praia para descansar, na Bahia, hoje é o contrário, eu vou pra Europa descansar, eu trabalho aqui como um louco. Pessoas na capital nunca entraram num cinema, jovens, crianças, eles não tem esse acesso, a gente tem que criar o cinema a 1 real para essa meninada, é uma experiência para eles, isso pode transformar, ter o acesso, não só a essas coisas ruins que estão de graça na rua. Isso numa capital, o interior do Brasil não tem cinema, tinha circo quando eu era criança, hoje nem tem circo, cinema, eles ficam vendo televisão. Cinema é uma arte que também está atrasada no nosso país, no nosso caso da música de concerto... Cinema precisa de uma sala, de um projetor, você não pode fazer um cinema em cima de uma árvore, não vai dar certo. Então no nosso caso a gente teve esse privilégio de estar no teatro Castro Alves, de forma provisória porque na realidade o que o NEOJIBÁ precisa é da sua própria cede, para gente poder crescer e atender a todo o Estado da Bahia, é a nossa meta principal. Um dos grandes diferenciais do NEOJIBÁ com outros projetos no Brasil, que criaram orquestras, é que a gente não fez o programa para criar uma orquestra que toque bem, como hoje é o caso, a Juvenil da Bahia é um resultado de um programa que aspira estar sempre em crescimento... Sempre se multiplicando...

Denny – E de que forma vocês pretendem fazer isso dentro de um programa como esse?

Ricardo Castro – Na realidade a gente já faz, não faz mais porque o teatro Castro Alves não cabe...

Denny – Então hoje vocês abarcam quantas pessoas?

Ricardo Castro – Dentro do teatro Castro Alves 140 jovens e no ICEIA (teatro) temos um coral formado. Os meninos do ICEIA são incríveis, eles ficaram felizes em poder dizer “eu sou do NEOJIBÁ-ICEIA” e agente nem começou lá, só começou a atividade coral, porque as obras que vão ser iniciadas, o mais rápido possível, para poder ir pra lá ainda esse ano (2010). Não é o teatro em si que vai ser reformado, mais as dependências do teatro que vão ser adaptadas para sala de ensaio, sala de aula e administração, enquanto a gente procura recursos para a reforma do teatro ICEIA, aquele teatro é fantástico, a população não conhece porque ele está fechado há muito tempo.

Denny – Grandes nomes se apresentaram lá, da música inclusive...

Ricardo Castro – É... Mas teve degradação acústica ao correr dos anos, hoje em dia é impossível você fazer qualquer coisa ali dentro, o som é muito ruim, é muito quente dentro, colocaram umas janelas onde o sol entra e transformam aquilo num forno...

Denny - E quando vocês vão mudar essa situação?

Ricardo Castro – Isso tem que ser feito este ano, com certeza. Isso são tratativas que a gente tem com o governo, com a CEPLAM, para liberar a verba, com a SUCAB para fazer a licitação, é uma série de coisas que ninguém imaginaria que um pianista estaria envolvido, mas eu estou envolvido, eu conheço esse pessoal todo, eu ligo para eles toda semana “e aí vamos fazer o negócio, o que está emperrando? Querem ajuda? O que a gente precisa fazer?”...

Denny – Foi uma mudança grande para sua vida, que tem também uma dedicação, fazendo concertos pelo mundo inteiro?

Ricardo Castro – Na realidade, o meu empenho pessoal sempre foi uma procura de tocar cada dia melhor, vamos dizer assim, mais bonito, para que soasse bem, para que aquela música, no momento que ela saísse do instrumento fosse um agente transformador de quem estiver escutando. É isso que eu digo, quando a gente procura a excelência na arte, não misturem esse termo com a excelência que se procura no mundo dos negócios, é um termo no neoliberalismo, não tem nada disso, a nossa música só pode se feita, só pode transmitir o que ela tem a transmitir com um grau de excelência muito alto, então, ou você faz ou deixa para lá, não dá para fazer no meio do caminho e dizer que eu sou músico, você tem que procurar essa beleza o tempo todo se não você não está fazendo o que pensa que está fazendo, quando a gente utiliza na música esse termo, as vezes a gente recebe retorno “ ah, isso é um discurso neoliberal e agora que tudo tem que ser pelo mérito, pela excelência”. Você não pode tocar uma sinfonia de Beethoven bem se você não estudar muito, se você não tiver um afinco, dedicação diária, você não pode parar um dia, ou é melhor não fazer, se for para fazer mal feito, deixa que outras pessoas façam...

Denny – E é assim que a Orquestra Juvenil da Bahia tem trabalhado também?

Ricardo Castro – Essa a grande revolução, na semana de São João, por exemplo, a Bahia parou, eu nem me lembrava disso, porque fui para a Europa desde 84 e não sabia que o nordeste parava para São João, Copa do Mundo, o que aconteceu? A Juvenil da Bahia, no teatro de manhã e de tarde, durante o São João, os meninos fizeram a escolha muito clara, era ou São João ou tocar bem, eles escolheram rapidamente, ou representar o Brasil lá fora. A primeira orquestra juvenil que sai do país para Europa tocar, não é só em Londres e Portugal, é a primeira orquestra que sai, e a gente fez isso em pouco tempo, imagina o potencial desses meninos agora, a gente tem uma orquestrinha que chama OCA, que é orquestra Castro Alves, tem o dobro do potencial desta que está viajando, a gente precisa só de mais espaço, para que eles possam ensaiar mais, eles pedem mais ensaio, quando a gente tira uma atividade desses meninos, no meio da semana por alguma razão, quando tem férias, eles reclamam hoje em dia, é uma situação que eu nunca tinha vivido aqui e...

Denny – Como que é vocês conseguiram isso? Porque tem uma questão também cultural, o hábito de pensar diferente, quando as pessoas foram pra lá elas devem ter

sido peneiradas nessa seleção até para esse componente de determinação, perfeccionismo...

Ricardo Castro – A música tem essa força. Quando você tem a consciência que você está criando beleza, do impacto que você faz a quem te escuta. Essa juvenil já tocou, mais ou menos, para 60 mil pessoas, é um público muito grande, a gente já tocou em nove estados, fez uma turnê no Nordeste, foi para o estado de São Paulo, para Campos do Jordão, esse ano de novo, ano passado era a única orquestra do Nordeste que tinha estado em Campos do Jordão e agora é a única Juvenil nacional que não é do Estado de São Paulo, é a nossa. Cada concerto sempre houve grande retorno de público, é uma emoção muito grande de quem escuta, existe uma grande emoção ao ouvir esse trabalho, então o menino, o jovem, o pai, o entorno, os amigos, eles olham para lado e dizem “poxa o que meu filho está sendo capaz de fazer é impressionante”. Agora é verdade, que se tudo tivesse direitinho, todo mundo com seu violininho tomando aulinha, mas tocando mal, ia ficar no negócio do bonitinho e depois ia acabar, o menino com 18 anos ou não sei quando, entraria numa loja para vender sapato. O que aconteceu foi o contrário, nós temos ex-vendedores de sapato, ex-carregadores de saco, ex-limpadores de chão de banco, que hoje estão tocando a um nível que ninguém acreditaria que eles seriam capazes...

Denny – E como é que essa juventude aí está trabalhando? Estudando tardes inteiras todos os dias para alcançar esse perfeccionismo e essa beleza, eles têm também que se manter?

Ricardo Castro – Sim, é por isso que esse núcleo principal, que a gente chama de Núcleo de Gestão e Formação, que está provisoriamente no TCA, oferece uma bolsa auxílio-formação, o jovem se compromete a vir todas as tardes, ele tem as manhã livres ou está na escola, porque nós temos crianças que estão no projeto. Preciso dizer que o desempenho escolar ele é vinculado a esse valor de bolsa também, a gente tem essas amarrações para dar um pouco de pressão, não é pressão na música, é o contrário que acontece, às vezes a criança fica vidrada no que ela está fazendo, inclusive foi o meu caso, quando eu era adolescente, eu não estudava tanto no Marista, eu preferia estudar para passar na recuperação, eu falei “vou passar o ano todo estudando, eu faço a recuperação e tiro 10”, e o resto do ano eu fazia concursos, ganhava os concursos, ia tocar no Sul, ficava no meu mundo, isso acontecia mais com matérias que a gente tem que decorar tudo, história sempre gostei, línguas, português, tudo que dava para aprender em sala eu prestava atenção e aprendia, mas o resto que tinha que ficar no livro decorando fórmula, eu falava “olha eu vou decorar fórmula, vou esquecer isso, eu prefiro passar na recuperação”. Então eu compreendo que nós temos jovens dentro do projeto que tentam seguir por esse caminho, mas a gente aperta um pouco eles e diz olha o desempenho escolar é fundamental, porque na realidade essa atividade musical, ela está te dando uma ferramenta a mais para desenvolver a sua capacidade de concentração, memória, a música trabalha a memória. É incrível, os músicos raramente tem Alzheimer, nós temos músicos em atividade com 90 e tantos anos, neste momento existem músicos com alto grau de excelência com mais de noventa anos no mercado,

circulando. A gente tenta mostrar a esses meninos que eles podem utilizar essas mesmas ferramentas que a gente desenvolve no NEOJIBÁ, no trabalho que eles têm na escola, eu digo “prestem atenção na aula, e não deixem o professor terminar a aula sem você ter entendido o que ele tá falando, se não entendeu levante a mão e diga professor eu não entendi, repita, por favor”, porque é uma perda de tempo você não entender e ir para casa ler um livro para tentar entender tudo de novo, então com todo esse processo, a gente entra na vida do jovem de uma forma integral.

Denny – E existe uma idade limite?

Ricardo Castro – A prioridade é até 25 anos, mas como o NEOJIBÁ foi lançado, somente agora em 2007, a gente tinha no grupo que entrou jovens de 23, 24, que hoje estão ultrapassando esse momento, é oferecido a esses jovens a possibilidade de se capacitar em monitoria, porque o NEOJIBÁ só pode existir se ele se multiplicar, se agente tiver núcleos, fora de Salvador, em cidades do interior, na zona metropolitana, esse é o princípio do NEOJIBÁ, não é só criar um núcleo com, tudo bonitinho, com os melhores tocando, o nosso lema é “aprende quem ensina”. Esses meninos estão aprendendo a ensinar, os mais velhos também em gestão de núcleo, em produção cultural, na arte de reparar instrumentos musicais, nós temos um luthier super talentoso, para isso foi preciso que eu traga da Suíça um luthier muito bom para ensinar esse rapaz, ele tem um estágio marcado na Suíça, durante três meses, no segundo semestre, num dos melhores ateliês de *luthieria*, a gente conseguiu da Aliança Francesa que ele aprendesse um pouco de francês gratuitamente. É todo um mecanismo se coloca em movimento para que esses meninos, quando cheguem numa idade limite, eles tenham uma atividade dentro do NEOJIBÁ, um trabalho. Isso tudo inspirado no que acontece na Venezuela, porque eu pedi, imediatamente, ao presidente lá na Venezuela, “você não empresta para gente uns músicos? Porque na Bahia não tem o suficiente”, inclusive pra orquestra sinfônica, a Sinfônica aqui só tem 60 músicos, a Juvenil da Bahia já tem 100, a gente está indo para Europa com 100, 60 músicos não dá para fazer uma sinfônica, quando ela foi fundada ninguém colocou o mínimo de músicos. Foi uma atitude bonita, uma vontade do governo, na época, Antonio Carlos Magalhães, mas a equipe que formou a Orquestra Sinfônica da Bahia, talvez não tivesse experiência, não viajou para perguntar como é que faz, pegou alguns exemplos básicos, das municipais, orquestras de funcionário público que tinha no país...

Denny – Você é gestor da Orquestra Sinfônica da Bahia, houve alguns erros essenciais no nascimento dessa orquestra?

Ricardo Castro – Por exemplo, foi criado o cargo público para maestro, é como criar um cargo público para treinador de time de futebol, ou seja, não dá, o meu cargo não pode ser um cargo público, ele tem que ser renovado, tem que dar possibilidade. Quando eu cheguei na Bahia, ouvi boatos de que “ ah, mas ele mora na Suíça”, apareceu na rádio Metrôpole que a diretora do Museu mora, não sei onde, o diretor da orquestra não mora em Salvador, falei “pera aí, de propósito eu não aceitei cargo público”, os meus colegas hoje, que tem mais qualidade e que circulam e conseguem mais resultado tem uma

orquestra no continente Norte-Americano, outra no Japão, outra na Europa, e por quê? Você acha que isso é porque a pessoa está querendo mais dinheiro? Não, essa mobilidade, essa possibilidade, de estar em contato com o mundo musical é que faz com que hoje a Juvenil da Bahia vá tocar em Londres, eu nunca teria saído daqui se tivesse aceitado um cargo público, e precisasse da autorização do governador cada vez que precisasse fazer uma viagem internacional, e a confusão que é fazer essa viagem, pedir diária...

Denny – E nem teria a repercussão e sucesso como músico?

Ricardo Castro – Eu não poderia manter a minha atividade profissional. Inclusive o próprio ministro da Cultura, ele conseguiu isso, assumiu um cargo público, não parou a carreira internacional dele, eu ainda não sei como ele conseguiu, em termos legais, porque é proibido. Eu falei “não, cargo público eu não quero não”, se quiser fazer um contrato comigo, prestação de serviço ou de consultoria. Qualquer grande orquestra existe esse cargo, na Orquestra da Bahia não, o diretor é um cargo de confiança, que é público, o regente é um concursado que ficaria até a aposentadoria. É o sistema do funcionário público, tudo bem que o músico seja funcionário público, não acho que isso seja em si o problema, mas essas peças chave, a gestão da orquestra não pode estar dentro do funcionalismo público. Na época que a orquestra foi criada não existia a lei de O.S., então tudo bem, mas o fato de não ter especificado, chamou-se de Orquestra Sinfônica, não se colocou o número de músicos mínimos, essa orquestra nunca atingiu o número de músicos. Hoje a gente chegou ao ponto de estar só com 12 violinos, e nem todos são concursados...

Denny – Então qual a situação hoje e o que isso pode se transformar até relacionando com o programa NEOJIBÁ?

Ricardo Castro – A nossa vontade e a gente acredita, eu digo a gente a secretaria de cultura e eu como consultor na área, que no Brasil existe uma única lei que permite que estes grupos funcionem, dando um retorno para sociedade, do investimento do dinheiro público, é muito dinheiro manter uma orquestra, ela tem que dar um retorno, a gente acredita que a lei da O.S. é a única que permite o funcionamento dessas instituições, então os estados estão a frente nessa área, as orquestras são fundações privadas ou são O.S. estamos trabalhando para trazer a Bahia também para o funcionalismo público, o que já existe na área da saúde e da educação algumas O.S. funcionando, a gente tenta trazer para Bahia essa nova estrutura, sem que o músico seja penalizado, sem que perca seus direitos, por isso não foi realizado, é um processo primeiro feito de forma democrática, sempre faço reuniões com os músicos para explicar tudo, a secretaria de administração a SAEB já foi ao teatro explicar o que é O.S., o que o músico poderia, eventualmente, perder ou ganhar, tudo isso foi feito de uma forma democrática, eu me comprometi a deixar a gestão nesse final de ano, com projeto sério, qualquer que seja o gestor no ano que vem, se houver ou não mudança de governo, ele possa ter em mãos um documento que comprove qual seria a melhor maneira de funcionar essa orquestra, mas é evidente que a gente está trabalhando em cima de um grupo que tem 27 anos,



nasceu perneta, nasceu com falhas essenciais, não quer dizer que não tenha valido a pena, principalmente porque temos um grupo fantástico, são músicos profissionais muito talentosos, muito interessados, um grupo que a maioria dos maestros que vem aqui gosta de trabalhar com eles. Mas é um grupo fragilizado, um grupo que não tem certeza, o salário de um músico, por exemplo, 80, 90 por cento são gratificações, a gente acredita que através da O.S., como hoje o NEOJIBÁ, funciona, pode-se solucionar sem que o músico funcionário público perca nenhum dos seus direitos adquiridos.

Denny – A gente estava falando a respeito desse futuro, dos músicos do próprio NEOJIBÁ.

Ricardo Castro – O ideal seria que essas duas comunidades estejam juntas, nós estamos trabalhando pelo mesmo ideal, que é trazer beleza, trazer a música, trazer essa linguagem para um público, trazer um direito, não é nem devolver, porque a gente nunca teve, não temos uma radio clássica. O NEOJIBÁ hoje tem mais mobilidade, está formando músicos numa velocidade fenomenal, muitos deles com apenas dois anos de atividades, mais ou menos, eles estão equivalentes a músicos que têm dez anos de escola, por causa da metodologia aplicada, o nível de conhecimento. Por eu ter sido músico que viajou muito, conheço grande parte dos grandes músicos da atualidade no mundo, esses músicos estão encantados com o NEOJIBÁ, eles vêm aqui trabalhar, esses meninos estão recebendo conhecimento, informação de altíssimo nível, e eles sabem, estão estudando e trabalhando muito, é uma coisa que eu não fazia quando morava em Salvador, eu repeti inclusive numa entrevista que eu fiz no ano passado, eu dizia que o baiano não nasce, estreia, mas não ensaia. Então era aquela ideia que eu tinha, a gente está ensaiando e o resultado é incrível, tenho escutado cada vez mais, acabo de dar uma entrevista pra VEJA, o NEOJIBÁ tem quatro páginas na revista, isso é fenomenal, e dando essa entrevista o jornalista me disse, “Eu tô impressionado com a seriedade dos baianos”.

Denny – A seriedade e o amor. Outra visão porque nós temos expoentes de várias áreas, mas a gente não pode deixar de dizer que, nesses últimos anos, o que tem imperado é um tipo de música que não é o de música de orquestra, vinda da Bahia. De que forma isso vai impactando em todo o Brasil?

Ricardo Castro – Na hora que o jornalista me disse isso, com certeza, não foi a respeito de nossas orquestras, ele falou da seriedade do pessoal do axé, do pessoal que faz música popular, ou seja, a gente tem um potencial de organização muito além do que se imagina, o que a gente precisa é dar essa estrutura para que esses meninos demonstrem capacidade de trabalho. Eu sou um exemplo de capacidade de trabalho, quando eu tinha três anos de idade, eu comecei a tocar piano e nunca mais parei e meu pai certo dia disse “você não precisa fazer serviço militar, você já faz isso desde os três anos”. A minha disciplina é enorme, eu não poderia ter chegado na metade do meu caminho sem ela.

Denny – Para se ter o maior talento, vocação, sem disciplina e estudo não se vai a lugar nenhum...

Ricardo Castro – Eu sou baiano, eu nasci com essa disciplina, não sou arruaceiro, ou vagabundo, que gosta de farra, eu gosto de tudo isso, mas eu tenho auto-estima, eu digo “se respeite rapaz, respeite a si próprio, seu coração, a sua mente, o seu potencial”.

Denny – Você fala do seu exemplo, você é uma pessoa de muito sucesso em todo o mundo, extremamente respeitado, conseguiu alcançar a excelência e agora está emprestando isso ao programa, que está alcançando o mesmo nível, também por causa das suas relações. A gente espera que isso continue, independente de quem vai estar no governo, que seja valorizado o trabalho. Mas, eu queria saber o que te motivou de verdade, você diz que foi transformador esse primeiro contato, em 2005, na Venezuela?

Ricardo Castro – A música é minha linguagem materna, eu nem conversava muito quando era criança, eu tocava, se transformou como um elemento como o ar, água, coisas essenciais na minha vida. É simplesmente que junta isso com a minha forte dose de empatia, eu tenho uma dificuldade de não sofrer diante dos sofrimentos dos outros, e vivendo nesse país, eu nunca tive antes a oportunidade de conciliar um talento que eu possa ter desenvolvido, com essa sensibilidade de querer, essa vontade de participar, mudar as coisas que estão no meu entorno para melhor, somente a vida de pianista nunca foi uma coisa que me animou muito, tocar piano sim, mas a vida de pianista de viajar, rodei o planeta tocando nas melhores salas e não era suficiente.

Denny – Faltava alguma coisa?

Ricardo Castro – Faltava sempre alguma coisa, de repente, aconteceu essa revelação que é a possibilidade da música ser transformadora, chegou num momento certo da minha vida. Eu sou um cara mais estruturado, tinha criado meu patrimônio por meus próprios meios, tinha um bom relacionamento no mundo profissional, porque eu cheguei na Europa realmente sozinho, eu tive um caminho de mérito, não foi amigos que me indicaram para entrar, o emprego que tive lá foi um concurso, os concursos que eu fiz, ganhei na raça, e tudo isso eu fui construindo e fui dando o exemplo. A sua história é o que conta, então olho para trás, para história... Eu nunca aceitei presente nenhum sem merecer, quando a gente fala inclusive em bens materiais, eu nunca nem olhei para uma coisa que eu não poderia adquirir, nem me interessa, vamos dar um exemplo simples, passa um jaguar (automóvel) na rua, eu nem olho, para mim ela nem passou, eu não podia comprar aquilo então. Sempre tive essa possibilidade de direcionar minha energia para coisas que eram possíveis, ir construindo tijolo em cima de tijolo, em cima de um mérito. Qual o caminho mais rápido de comprar a jaguar? É roubar e comprar a jaguar, muito fácil você virar um criminoso, um ladrão, desviar verba, pegar dinheiro público, tudo isso, eu não sei como é que as pessoas dormem, na realidade. Mas eu tenho feito minha vida e isso me deu as ferramentas, deu respeitabilidade, no meu ambiente profissional, no entorno, com meus amigos, que eu tenho desde adolescente, são os ex-alunos Maristas, ou os que não, eram músicos, são irmãos meus. Isso tudo é uma construção, hoje eu sou um cara extremamente feliz de saber que esse caminho tem valido a pena, mas eu to só na metade dele.

Denny – Nessa metade você conseguiu encontrar essa satisfação plena que você estava buscando através de um trabalho que não deixa de ser social também?

Ricardo Castro – Hoje a coisa tomou uma dimensão muito grande, você, de repente, está preparando uma viagem com cem músicos, para tocar nas salas mais importantes, Queen Elizabeth Hall em Londres, 98% das pessoas que fazem música hoje no mundo sonham em tocar nessa sala, e não tem oportunidade, estou falando dos 98 por cento da população mundial, que esta tocando, tocar em Londres é um privilégio do músico em si. O centro cultural de Belém é uma sala fantástica, na frente do marco dos descobridores, estar responsável pelo resultado disso e as pessoas acreditarem naquilo que a gente está fazendo mudou a dimensão da minha vida. Eu tenho carregado essas boas preocupações, no meu cotidiano, hoje eu durmo muito menos, trabalho doze até quatorze horas por dia facilmente, como seria um gestor de uma grande empresa. É bom saber que eu tenho potencial e posso manter minha qualidade de intérprete, acabo de tocar concertos com a OSESP, toquei em Londres há dois meses e eu sei que consigo manter as duas coisas. Sair um pouco daquele discurso que o artista tem que se proteger, ele tem que tomar cuidado com ele, acho que não, a gente tem que realmente estar aberto, agora é verdade, quanto maior o coração maior a área para tomar flechada.

Denny – E o programa desta viagem? Desejamos todo sucesso e repercussão para vocês todos, para cada um dos componentes e para Bahia também.

Ricardo Castro – A gente preparou um programa só com música das Américas: América do Norte e do Sul, América Latina. Essa orquestra é excelente nisso, tem ritmo, tem força, dificuldade técnica também, e a gente queria levar para os europeus essa especificidade nossa, de misturar essa excelência técnica com uma ginga, uma facilidade de lidar com ritmos, com sons, nesse programa tem inspirações de poesia cubana, tem Candido do Voltaire, que foi quem inspirou Bernstein a fazer a abertura Candide, a gente está tocando a Rapsódia em Blues que é Jazz, toca uma salsa do México, linda que é do Artur Marques, Villa-Lobos, tem Batuque que é um forró, do Reisado do Pastoreio, do Lorenzo Fernández, e tem uns *bis* incríveis, eles tocam Tico-tico no Fubá como ninguém, mas a gente está levando algo especial para os ingleses, uma música do Helber, compositor deles. E um programa muito difícil, extremamente difícil tecnicamente, mas muito alegre, empolgante, eu estou muito orgulhoso do trabalho desses meninos, desempenho deles, e é só o começo, não chegamos a lugar nenhum, isso aqui é um passozinho, eu tenho feito isso na minha vida e estou levando esse exemplo, sempre multiplicando por milhares aqui na Bahia, essa é a minha meta.

## **Anexo B**

### Repertório

Procurou-se reunir vídeos com qualidade visual e sonora de épocas distintas.

- Tico tico no fubá – Zequinha de Abreu, com casal de dançarinos. No Festival de Campos do Jordão, com um frevo (bis) ao final:

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=L8vXVQHDcuY>>

- Tico tico no fubá, com o pianista Lang Lang:

Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?NR=1&feature=endscreen&v=BxCeyP8NDvA>>

- Asa Branca – Luiz Gonzaga/Berimbau – Baden Powell e Vinícius de Moraes:

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=VdF7n87iy3c>>

- Batuque – Lorenzo Fernandes:

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7D7gJK7GU7g>>

- Beethoven/Dvorák/ Stravisnsky/Tchaikovsky:

Observação: este vídeo mostra alunos com pouco tempo de aula.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=w6f4aq-BCC4>>

- Villa-Lobos:

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OUBomW72o0o>>

- Carinhoso – Pixinguinha:

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SY75gyXGPXM>>

## APÊNDICE A

Entrevista com Elizabeth Ponte, realizada em 23/03/2012 às 16h, por telefone.

Entrevistadora: Naira Poloni

Naira – Eu queria que você falasse um pouco da sua função no NEOJIBÁ.

Elizabeth – Sou diretora administrativa do NEOJIBÁ e coordeno todo setor de desenvolvimento institucional do programa, que é uma área principal no desenvolvimento do NEOJIBÁ como um todo. O NEOJIBÁ é um programa do governo do Estado da Bahia, da secretaria de cultura, que está em ação desde dezembro de 2009. A gestão é realizada por uma entidade do terceiro setor, que é a Associação de Amigos das Orquestras Juvenis e Infantis do NEOJIBÁ, AOJIN. Esse modelo de gestão é chamado de publicitação, é uma parceria entre o Estado e o terceiro setor. O governo financia o núcleo central desse programa e, de três em três meses, a gente presta contas de todo recurso e atividades que tem contrato de gestão anual, com metas pactuadas e a cada três meses recebe recursos para continuar gerenciando o programa. O meu setor também cuida disso, faz todo o acompanhamento das nossas metas, presta contas ao Governo do Estado e cria outras oportunidades de parceria para expansão, é através de convênios com a prefeitura, com entidades públicas e privadas, de patrocínio, por meio de leis de incentivo e das nossas ações de difusão. Essa área de desenvolvimento institucional cuida basicamente disso, o futuro do NEOJIBÁ e da manutenção dele.

Naira – Qual o balanço que você faz sobre o projeto?

Elizabeth – Um balanço bastante positivo, porque tudo praticamente vem de resultados alcançados. O NEOJIBÁ alcançou resultados surpreendentes e inesperados para um projeto desse ineditismo na Bahia. Até 2007 não existia uma orquestra sinfônica juvenil no Estado. Existiam alguns projetos anteriores, mas com outra proposta, que infelizmente foram extintos depois de um ou dois anos de funcionamento. Então não existia oportunidade para os jovens músicos, da Bahia, se profissionalizar, serem músicos de orquestra dentro do próprio Estado. O primeiro impacto do NEOJIBÁ foi esse, a gente criou e consolidou uma grande orquestra juvenil, que atualmente é a Orquestra Juvenil da Bahia. Temos outras orquestras de criação, mas essa orquestra é o resultado mais visível do programa, ela é a ponta do iceberg de todo o processo de transformação social, que está por baixo disso.

O NEOJIBÁ é o processo de multiplicação, o objetivo não é só criar uma orquestra juvenil de excelência, mas que essa orquestra, formada por jovens, seja a semente para criação de novas orquestras que atinjam todo o Estado. Esse modelo que não foi inventado pela gente, muito orgulhosamente serviu de inspiração, El Sistema como é conhecido o programa de criação de orquestras e coros da Venezuela foi criada há 37 anos e hoje inspira programas semelhantes em mais de 30 países.

No Brasil eles nos reconhecem como o principal representante, e de iniciativa pioneira justamente por ter criado uma excelente orquestra juvenil, que faz temporadas de concertos anuais em Salvador. Foi a primeira orquestra juvenil brasileira a se apresentar

na Europa, em 2010, realizou mais duas turnês em 2011, e tem convites para turnês internacionais até 2014, além dos novos núcleos que nós criamos, a partir do ano passado. O resultado é realmente surpreendente para um programa do governo com apenas cinco anos. Esse é um balanço bastante positivo, mas é apenas o começo, a gente está engatinhando em relação ao que se espera do NEOJIBÁ nos próximos anos.

Naira – Aproveitando que você falou que ele é inspirado no El Sistema, o projeto precisou de alguma mudança ou adaptação na Bahia e/ou em Salvador, em particular?

Elizabeth – O próprio El Sistema fala que não existe um pacote fechado que pode ser aplicado em qualquer lugar sem mudanças, quando a gente fala que El Sistema inspirou sistema parecido, é porque foi justamente isso, ele levou a possibilidade e a filosofia da prática orquestral coletiva e pode ter impacto positivo sobre a juventude e sobre a sociedade como um todo, eu acredito que, como aqui na Bahia, em cada um dos 30 países que foram criados projetos semelhantes, nenhum deles é igual, até porque o El Sistema não é um modelo fechado, não é que existem filiais dele, existem programas que foram inspirados nessa mesma filosofia e que pretendem alcançar os mesmos resultados, multiplicação, transformação da juventude, profissionalização dentro da música e cooperação. Desde a criação do NEOJIBÁ na Bahia, a gente conta com o apoio forte do El Sistema, que já enviou vários músicos e professores formados pelo El Sistema, e hoje continuam atuando lá, seja na orquestra Simon Bolívar ou em outras orquestras do programa, já enviamos delegações nossas para lá e recebemos músicos deles, então é uma comparação que existe e nos ajuda a trilhar esse caminho.

Naira – Falando de metodologia, uma expressão interessante que ouvi de Ricardo Castro que é o lema do projeto, “aprende quem ensina”, ou seja, os alunos conforme aprendem já começam a ensinar para outros alunos. Gostaria que você falasse um pouco da relação com os alunos, em relação aos professores ou os alunos que lecionam, em relação ao projeto.

Elizabeth – É importante eu explicar como funciona a organização dos núcleos do NEOJIBÁ. Temos um núcleo de gestão e formação profissional, que funciona em Salvador, atualmente no teatro Castro Alves. Esse núcleo tem 150 jovens, de 9 até 29 anos, bolsistas, recebem uma bolsa mensal com valores diferentes, depende do perfil profissional e função que exercem no projeto. Uma bolsa que varia de 105 reais até 1500 reais, no caso de músicos semiprofissionais, atuam no programa. Os bolsistas recebem essa bolsa para que possam participar das nossas duas orquestras. Esses 150 jovens formam duas orquestras, a Orquestra Juvenil Dois de Julho e a Orquestra Castro Alves. Essa bolsa também é a oportunidade para que eles possam se dedicar integralmente a atividade musical, se capacitar em pedagogia musical.

A intenção é que esses 150 jovens atuem desde já ou que se capacitem para serem multiplicadores do programa, e que nos ajude a criar novos núcleos em todo o Estado. Isso começou a acontecer desde o ano passado. Nós abrimos nossos primeiros núcleos de prática orquestral e coral, os chamados NPO, e são o resultado expansão do NEOJIBÁ, nesses dois núcleos, quem está ensinando são esses jovens bolsistas do

núcleo central, NGF, alguns passam a serem funcionários da nossa associação, ou seja, abrindo vagas de trabalho e de real profissionalização e de perspectiva de emprego. A intenção é que isso continue todos os anos, diretamente relacionado com o lema *aprende quem ensina*, porque eles entram como alunos, progridem como monitores e futuros professores. Também está relacionado com a questão da prática coletiva com a música, porque não existe aquele esquema unilateral de ensino, que chega um professor convidado e ensina esses alunos, existe uma via de mão dupla do aprendizado quando você trabalha com a prática coletiva de música, eles aprendem uns com os outros, no cotidiano, nas atividades, aprendem com os professores e os professores aprendem com eles.

Então o maestro acredita que uma criança que aprendeu uma escala, se ela já sabe a escala, pode ensinar outra criança, pode ajudar a outra criança a fazê-la melhor. Desde que o aluno entra no NEOJIBÁ que a gente vai discutindo essa filosofia, porque é uma filosofia interessante, que é dar comparação, solidariedade, compartilhamento. São coisas que a gente acredita. E mesmo que a criança não seja músico futuramente, mesmo que saia do NEOJIBÁ um dia, que não entre para nossas orquestras, a gente espera que leve essas coisas para a vida dele. É a dimensão mais simbólica da prática orquestral, por isso o lema aprende quem ensina, todo mundo pode aprender e todo mundo pode ensinar.

Naira – Os núcleos em que os alunos dão aulas são em Salvador?

Elizabeth – Tem um núcleo em Salvador que é uma parceria com o SESI (Serviço Social da Indústria), fica em uma das escolas do SESI, no bairro de Itapagipe, na Cidade Baixa. Esse núcleo tem 400 alunos divididos em duas orquestras, turmas de canto coral e iniciação musical. Temos também um núcleo em Simões Filho, uma região metropolitana de Salvador, esse é em parceria com as obras sociais de Irmã Dulce, que tem essa escola em Simões Filho onde o projeto funciona e a manutenção dele é feita através de patrocínio privado, da empresa Gerdau, da área de siderurgia.

Naira – Quais são as cidades em que o projeto já atua na Bahia?

Elizabeth – Nós temos três núcleos. O núcleo central funciona em Salvador. Dois núcleos de prática orquestral, um em Salvador e o outro em Simões Filho. Mas a gente tem uma rede de projetos parceiros no interior do Estado, eles não são ainda núcleos do NEOJIBÁ, são projetos que nós identificamos com o mapeamento que foi feito em 2010 e são projetos que surgiram há pouco tempo, mas são projetos orquestrais dos quais a gente está realizando uma parceria pedagógica e fortalecimento desses programas para que eles virem núcleos nossos também, nós já temos seis projetos parceiros, cinco no interior do Estado, um em Conceição de Boité, Jacobina, Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Angical que fica no extremo oeste e temos outro projeto parceiro em Salvador, que é o Estrelas Musicais.

Naira – Quantos alunos vocês têm nesses três núcleos?

Elizabeth – Nos núcleos a gente tem 730 integrantes.

Naira – E qual a faixa etária?

Elizabeth – De 6 até 29 anos.

Naira – Você tem uma base de quantos alunos não estudaram música no núcleo?

Elizabeth – Todos os alunos dos núcleos de prática orquestral, claro que começamos do zero, então são 570! Quando eles entraram, em 2007, para formar a Orquestra Juvenil Dois de Julho, já sabiam tocar algum instrumento, não tinham tocado em nenhuma orquestra. Ou então eles mudaram para algum instrumento sinfônico. Não que eles começaram do zero em 2007, esses jovens que entraram (80) formaram a primeira orquestra. Em 2009 foi feita outra seleção, quando a gente formou a Orquestra Castro Alves. Esses alunos tinham uma iniciação muito básica de algum instrumento musical e foram acompanhados por esses 80 alunos que entraram em 2007. Agora em 2011 esses núcleos que nós abrimos, com crianças dessas escolas, estão começando do zero realmente.

Naira – Teve algum critério de escolha para esses alunos que entraram em 2011?

Elizabeth – Não existe um critério, o primeiro critério de escolha é a vontade de participar. A gente faz um concerto da orquestra nas escolas para despertar a vontade e a curiosidade deles e são abertas as inscrições. Caso o número de interessados seja muito maior que as vagas aí é feita uma audição básica, quando são testadas a afinação, ritmo e um pouco percepção musical, como critério de eliminação, se necessário. Mas a gente não teve que passar por isso, tivemos uma quantidade de inscritos muito próxima a nossa quantidade de vagas oferecidas.

Naira – Quantos alunos saíram do projeto?

Elizabeth – Eu não sei te falar a quantidade exata. Mas a quantidade de egressos do núcleo de gestão em formação capacitação profissional muda cada ano, porque, por exemplo, existem músicos, como já aconteceu, que ganharam bolsas no exterior, ou então alguns músicos que foram tocar em outros estados, que passaram em faculdades, alguns simplesmente resolveram deixar o programa. Mas o nível de evasão não é grande.

Naira – Qual é a classe social deles?

Elizabeth – Esse é o diferencial do NEOJIBÁ, porque muita gente confunde pensando que é um programa de inclusão social, que é para meninos carentes, para tirar crianças da rua, mas não é exatamente isso. A proposta é exatamente a oposta, de integração social. A gente fez a primeira audição para fundação do programa em 2007 quando foram admitidos jovens de todas as classes sociais, sem distinção. O que importava era a vontade de participar e o desempenho deles na primeira audição.



Salvador nunca teve esse movimento de orquestras juvenis forte, os jovens de qualquer classe social não tinham oportunidade de tocar em orquestra, sendo pobre ou sendo rico. Essa é uma coisa que a gente acredita, de oferecer oportunidades iguais para todos. Hoje eu posso te dizer que no último levantamento social que a gente fez, os jovens do núcleo central, quase 60% vêm de família média e baixa, ou famílias realmente pobres. Mas são classes sociais diversas, porque o foco principal do programa não é criar um gueto, não é trabalhar com público carente, da periferia, ou alunos de escolas públicas. É dar oportunidade para os jovens músicos de qualquer classe social, é claro que como reflexo de Salvador, que é uma cidade extremamente desigual, a maioria desses jovens vem realmente de famílias mais pobres, mas não é esse o critério de seleção.

Naira – Ricardo Castro vai continuar no projeto e em que função, como regente?

Elizabeth – Ele é o regente titular da Orquestra Juvenil da Bahia, diretor geral e artístico e fundador do programa. Ele que trouxe essa ideia, desenvolveu esse programa junto à Secretaria de Cultura. Mudou radicalmente de vida para se dedicar ao NEOJOBÁ, ele estava radicado na Suíça há mais de vinte anos, lecionando lá e hoje ele mora em Salvador e vai de vez em quando para Suíça porque ele continua no conservatório de lá. Mas a intenção dele é continuar no NEOJOBÁ, como o maestro Abreu, fundador do El Sistema que está lá desde o começo, há 37 anos.

Naira – Quais os pontos críticos que vocês tiveram que alterar no projeto?

Elizabeth – O primeiro desafio que a gente superou foi justamente encontrar um sistema de gestão certo para o NEOJOBÁ. Entre a fundação em 2007 e o final de 2009, era gerido pela administração pública direta, ou seja, não tinha esse novo modelo de gestão compartilhada. Como a gente alterou o modelo de gestão, isso permitiu um desenvolvimento mais rápido do programa, essa foi uma coisa essencial para desenvolvimento. Tiveram também alguns ajustes que nós fizemos ano passado, por exemplo, atualmente, as orquestras não são mais divididas por faixa etária, essas orquestras principais do núcleo de gestão em formação profissional são divididas em nível de repertório, então é como se a gente tivesse uma orquestra A e uma orquestra B. Essa foi uma adequação que a gente descobriu e achou necessária. Existe uma série de procedimentos que são descobertos na prática, com esse processo de expansão, a cada abertura de núcleo o arranjo institucional é diferente, pode ter parceria privada, parceria pública, ter patrocínio, por meio de leis de incentivo, então só crescimento vai conseguir revelar novos desafios.

Naira – Tem algo, que não foi dito sobre os pontos positivos do projeto, que você gostaria de falar?

Elizabeth – Eu gostaria de reforçar algumas coisas que sempre tento esclarecer, são pontos que ficam confusos em relação ao programa. O primeiro é a nossa natureza, o NEOJOBÁ é um programa público, do governo do estado da Bahia e da secretaria de cultura, mas que é gerido por uma entidade do terceiro setor. Muita gente pensa que o NEOJOBÁ é resultado de uma ONG, um projeto social qualquer, mas é muito mais do

que isso. Outra coisa importante, o caráter de integração social e não de inclusão social, de trabalhar exclusivamente com o público carente ou alunos de escola pública, é uma proposta de integração mesmo. E acho que essa questão sobre o tamanho do NEOJIBÁ, hoje em dia eu consigo explicar, com os núcleos que a gente tem e as parcerias que a gente fez no interior.

Naira – Quais são as metas para 2012?

Elizabeth – Agora no final de 2011, a gente renovou o contrato de gestão com o governo, tem mais um biênio pela frente. A meta deste ano continua sendo a expansão do programa. A gente tem previsão de dois novos núcleos, a partir de setembro e temos um grande desafio que é a estruturação da sede própria do NEOJIBÁ. A previsão é que esse ano a gente possa finalmente ser transferido para o teatro ICÉIA, que é um teatro antigo e fica no centro antigo de Salvador, é do governo do Estado e vai ser cedido para ser a sede do programa. Isso está demorando um tempo, mas a gente espera concluir esse ano.

Temos algumas atividades especiais de comemoração do nosso aniversário de 5 anos, dia 20 de outubro, que é o dia em que se comemora o aniversário do NEOJIBÁ a gente vai fazer um concerto especial. Temos um projeto para gravação do CD e DVD, está em fase de captação, a gente espera realizar este ano. Temos a continuidade, a quinta edição, de nosso concerto de natal, no mês de dezembro, que é concerto beneficente para um público de mais de cinco mil pessoas. Então a gente tem a continuidade de todas essas ações de difusão e a expansão desse programa, com a criação de novos núcleos.

## APÊNDICE B

Entrevista com Antonio Albino Canelas Rubim, secretário estadual da cultura da Bahia.

Realizada em 11/11/2011, às 20h, em São Paulo.

Naira – Gostaria que você falasse sobre o NEOJIBÁ.

Rubin – Deixe eu te explicar primeiro como é a relação do NEOJIBÁ com a secretaria, o NEOJIBÁ hoje é uma OCIP, uma entidade publicizada. Tem contrato com o governo do Estado para desenvolver atividades nessa área específica de música, as orquestras, com a perspectiva de expansão. Hoje o NEOJIBÁ tem duas orquestras, uma é mais avançada, com jovens, não quer dizer que sejam orquestras (profissionais), a outra é recente, com iniciantes. Além disso, esses jovens se dividem em vários pequenos grupos. Esse projeto tem dois anos (na verdade 4), e agora está na fase de renovação, nós estamos discutindo com eles a renovação do contrato. E a ideia é que essa renovação inclua toda uma expansão para o interior. Porque o objetivo deles é interesse nosso, outro dia fizemos uma reunião na secretaria, convidamos o Ricardo, para ele falar sobre o NEOJIBÁ. Ele falou de toda atividade de formação, vários concertos que foram feitos, concertos pelo país e fora, com repercussão positiva. Hoje tem 600 alunos envolvidos nisso, nosso interesse é que se expandisse para outros lugares do interior do estado. Claro que, inicialmente, não pode ser muito, mas que tivesse “o pé” no interior, para que o projeto não atingisse só a capital. Ele concordou e é o interesse dele, aí nós vamos fazer. Ampliar mais os recursos e as atividades para que o NEOJIBÁ seja feito no interior, não está definido onde, temos algumas perspectivas. Outra coisa, é que o NEOJIBÁ usa uma metodologia de uma experiência de formação de orquestras, que existe há muitos anos na Venezuela, o El Sistema, que recentemente fez turnê pelo Brasil, passou aqui em São Paulo. Acho uma experiência exitosa, a quantidade de orquestras e pessoas envolvidas é enorme. Pedagogicamente o espelho é esse, não é por acaso que a turnê do El Sistema começou pela Bahia, porque a gente tem um intercâmbio com eles, vêm músicos de lá e vão algumas pessoas para Venezuela. O intercâmbio não é tão amplo como a gente gostaria que fosse, pelos custos.

Naira – O que pode melhorar no projeto?

Rubin – Atualmente eles funcionam dentro do teatro Castro Alves, o maior teatro que nós temos. Mas não são só eles, tem o grupo residente, a Orquestra Sinfônica da Bahia, que é da secretaria, tem o balé do Teatro Castro Alves, também permanente. Portanto o teatro não é só teatro, acontecem atividades além do teatro, ele é o maior equipamento cultural de Salvador. Temos um projeto de reforma. Mas por conta do teatro ter muitas coisas, não é o lugar adequado para a expansão do projeto, e a tendência é expandir mais. Então estamos negociando com eles até conseguirmos a cessão, de um teatro, que está precisando de reformas, pela secretaria da educação, para que o NEOJIBÁ seja transferido para lá. Assim ele teria possibilidades múltiplas de expandir, desenvolver. Outra coisa, nesse projeto de reforma do teatro Castro Alves, tem incluído a construção da sala sinfônica, isso também podia ser um passo importante para o NEOJIBÁ e para a Orquestra Sinfônica. Hoje, o teatro tem atividades de música, dança e teatro. Então a programação de música, particularmente a sinfônica, muitas vezes tem que ficar em dias da semana, mas no fim de semana você tem sempre um público maior, então é difícil

você ver o teatro lotado, já que é um teatro, ele prioriza as atividades teatrais. As apresentações da Orquestra e NEOJIBÁ são feitas durante a semana, uma vez ou outra, no fim de semana. Se a gente construir esse projeto, a sala sinfônica, teria uma repercussão boa, porque tem uma sala apropriada. A qualidade do som na sala do teatro é muito boa, acústica interessante, mas você tem a concorrência dessas atividades, essa é também uma dificuldade. Essas duas coisas melhorariam muito a capacidade do NEOJIBÁ se desenvolver e expandir.

Naira – O senhor acha que no interior o local também seria uma dificuldade?

Rubin – Eu acho que seria muito bom. Ricardo Castro, nosso pianista e maestro está muito interessado, ele acha muito importante. Nossa perspectiva é que isso não seja uma coisa só para aquelas pessoas, e que sim seja aquela da origem do projeto, uma coisa de massa. A perspectiva é sempre ampliar. Ampliar para o interior será muito produtivo. Agora estamos fazendo Conferência Estadual da Cultura na Bahia, de dois em dois anos, nessa conferência nós fazemos conferências municipais, territoriais que são regionais do Estado com debates e apresentações. Tenho visto a quantidade de orquestras ou pequenas orquestras no interior da Bahia. Por exemplo, no município de Curaçá, perto de Juazeiro, que é pequeno, a prefeitura mantém uma orquestra, que é razoável. Em Porto Seguro tem outra orquestra, mantida pela prefeitura e a Petrobras, que é a Orquestra do Descobrimento. São orquestras de pessoas jovens. Com a expansão do NEOJIBÁ para o interior, além de formar outros núcleos poderemos ajudar a qualificar essas orquestras.